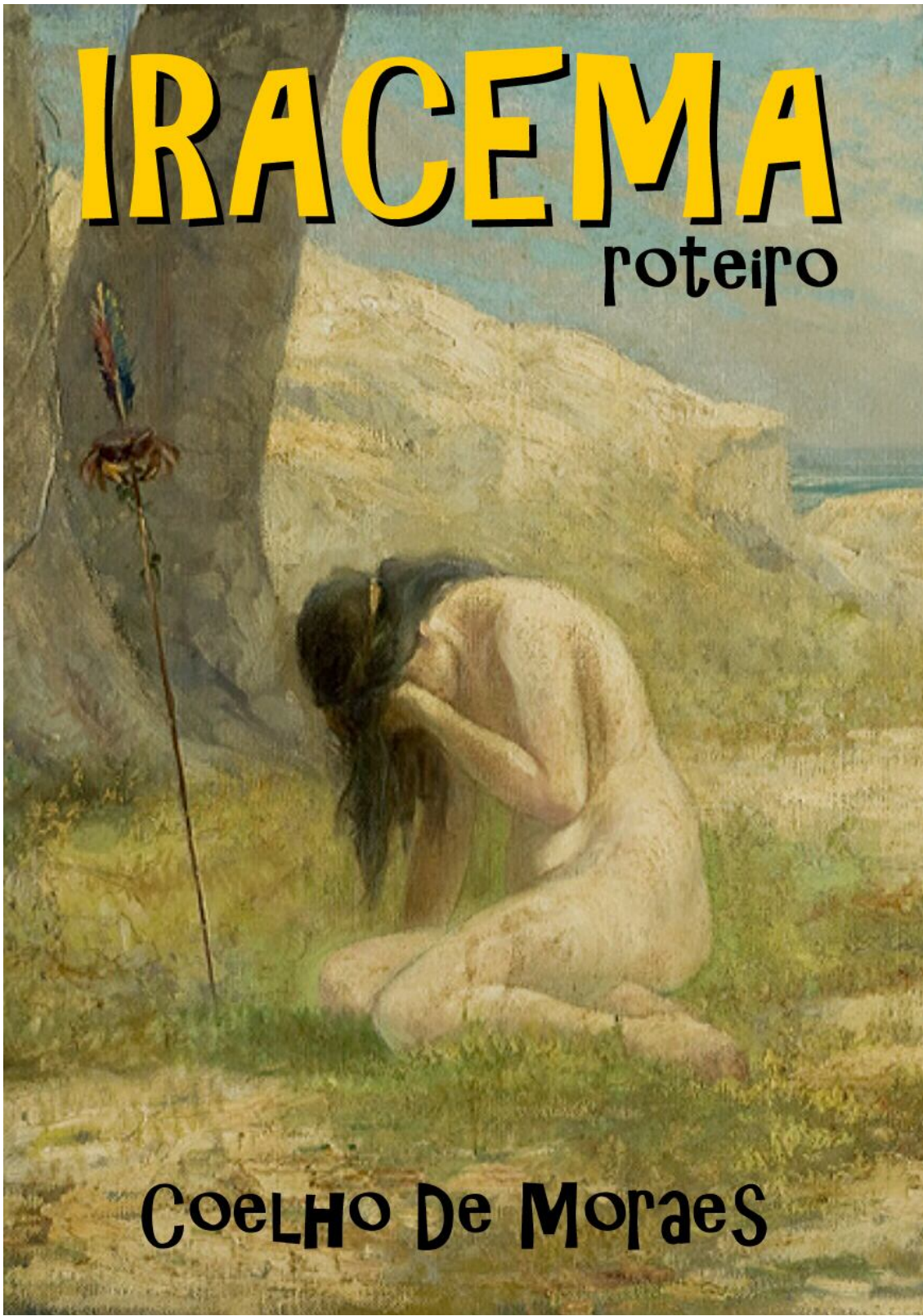


# IRACEMA

roteiro



Coelho De Moraes

# IRACEMA

Escrito por

Coelho De Moraes

baseado na obra de José de Alencar

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. COPYRIGHT ©2010

CECÍLIA BACCI & GUILHERME GIORDANO.

NENHUMA PARTE DESTE ROTEIRO PODE SER

FILMADO, GRAVADO, PUBLICADO, REPRODUZIDO,

VENDIDO OU DISTRIBUÍDO POR QUALQUER MEIO, INCLUINDO SITES, SEM O  
CONSENTIMENTO PRÉVIO DO ESCRITOR E DOS DETENTORES DO DIREITO AUTORAL.

## **Quarto tratamento**

Personagens: Iracema (índia Tabajara) , Martim (português, soldado), Araquém (pajé Tabajara), Irapuã (tuxaua Tabajara), Caubi (irmão de Iracema), Poti (índio Pitiguar, amigo de Martim), Andira (irmão do pajé Araquém), Batuirité (velho sábio avô de Poti), índios e índias das tabas e guerreiros portugueses.

CATALOGRAFIA

Direitos de Cópia para

Cecília Bacci & Guilherme Giordano

[ceciliabaccibscm@yahoo.com.br](mailto:ceciliabaccibscm@yahoo.com.br)

[menuraiz@hotmail.com](mailto:menuraiz@hotmail.com)

revisão/correções / texto adicional

Sergio Spina

Publicação online exclusiva de

[www.paginadeideias.com.br](http://www.paginadeideias.com.br)

Coleção BROCHURAS & PDFs & ESPIRAIS

Capa / Coelho De Moraes baseado na obra de Antonio Parreiras, Niterói, 1909

**ALTERNATIVAMENTE**

Registrado e Catalogado

na Biblioteca Municipal de Mococa sob nº 25 342

Literatura / roteiro cinematográfico

Cidade de Mococa

São Paulo

AGOSTO

2010

**CENA I**

EXT. DIA SOL. MAR E PRAIA E PALMEIRAS E VENTOS / GRANDE MÚSICA SINFÔNICA

(a sugestão é locação no Ceará atrás da jandaia, da carnaúba buscando a flora característica da região / certamente pode haver apoio do governo de lá)

(Varredura destas imagens grandiosas, principalmente dos mares bravios e de um verde muito intenso, com muita espuma e ondas / brilho de sol nos mares / alvas praias / coqueiros em abundancia)

**FUSÃO**

verdes mares já serenados / coisas do por do sol / calma / de longe um o barco ou jangada com vela / é possível ver três pessoas sobre a jangada / a jangada vai mar adentro /

Um jovem guerreiro branco / uma criança e um rafeiro

Tomadas da jangada / do rapaz / da criança / do rafeiro

(SOM DE VENTO QUE SE MISTURA COM O BARULHO DAS ÁGUAS)

MARTIM (grita para as praias)

— Iracema!... ( leva os olhos presos na terra / lágrimas / desanimado cai sobre a jangada / triste sorriso) Que mais eu deixo na terra do exílio?

(O vento retorna / as palmas chacoalham / Refresca o vento / ondas encrespam / O barco salta sobre as ondas / desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares / borrasca / tempestade / luta para se manterem sobre a jangada / a jangada se vai / se perde no horizonte

**CENA 2**

EXT. DIA. SERRA AZUL AO LONGE

Tomadas em cortes invadindo a mata / tribo / criança que chora / essa mesma criança em tomadas e cortes abruptos / vira menina / jovem índia / mulher / descrição tradicional Olhos

amendoados / boca gigantesca / lábios polpudos / sorriso amplo / dentes / e digo que é sinal característico de determinados tipos da região – um pessoal extremamente bonito

Iracema / cabelos negros / longos / corre pelo sertão e adentra um clareira onde campeiam tabajaras ( é necessário buscar verossimilhança e não usar marujos de cueca como no filme do Di Franco e Helena Ramos). Iracema corre pelas campinas de mato rente / pés descalços )

### **CENA 3**

Iracema saiu das águas de um lago / desce água pelo corpo / ela se deita sob árvores densas / flechas de seu arco ao lado/ sabiá canta / um periquitinho brinca por ali / nos ramos da árvore / chama a virgem pelo nome / remexe no saco de palha matizada, onde ela traz perfumes, fios de bromélia, agulhas da juçara / tintas / coisa femininas, enfim / silencio / morosidade / lombeira

### **CENA 4**

Martim e Poti pela mata / armados / vigiam outros índios ao longe / tocaia de observação / um faz sinal para o outro dirigindo os caminhos / repentinamente um bando de aves ala voo / Martim corre para um lado e Poti para o outro / os índios observados percebem e gritam na direção dos dois / perseguição na mata / flechas que zunem / Martim consegue usar seu arcabuz / mas, se vê perdido na mata, desesperado e cansado. O desespero cessa quando ele vê Iracema, entre as folhagens / Momento sublime, câmera lenta. Iracema o vê (dá-se a entender que ela corresponderá ao olhar, mas ela pega rapidamente o arco e atira).

### **SUBITAMENTE BARULHO**

Iracema ergue os olhos / sua vista perturba-se / Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho / branco / olhos azuis / armado / roupa de soldado / rápida / como num filme moderno A flecha partiu / Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido / sua

mão rápida cai sobre a cruz da espada / sorri / cambaleia / há um sentimento nos olhos e no rosto, que ele lança para Iracema / ela lançou de si o arco e a aljava / correu para o guerreiro / magoada / olha o local da ferida / o soldado geme / ela empurra o que resta da flecha para dentro do sujeito / a flecha atravessa o cara / Iracema quebra a ponta de lá e a de cá / acaba de puxar a haste restante que entrega ao soldado / com ela fica a ponta farpada. (A Flechada: A original passa raspando o rosto do Martim / a nossa flechada atinge Martim e ele fica com a ferida durante todo o filme / a ferida pode simbolizar o amor que o atinge / nas lutas lá quase no fim do filme ele está melhor / mas passa a ideia de que ele deve permanecer em estado de ferimento contínuo / sempre à mercê de alguns cuidados mesmo que emocionais e de certa forma o branco que foi fragilizado pela menina índia / o que também dificulta sua saída da sinuca em que se meteu / eu. Pessoalmente não creio que Martim esteja “apaixonado” pela Iracema, nem ela / mas os dois estão em estado de desespero emocional por serem tão distantes – em termos de língua, cultura, região de vida - e estarem tão unidos naquela circunstancia animal)

MARTIM

— Quebra comigo a flecha da paz?

(Iracema nada diz / se limita a amparar Martim / dessa vez com cuidados)

MARTIM

- A índia dos lábios de mel não quer falar comigo?

(Iracema pega plantas e folhas para tentar auxiliar na melhora da ferida / que dói)

MATIM

- Não me deixa falando sozinho, moça.

IRACEMA

— Quem te ensinou a linguagem de meus irmãos? De onde veio? estas matas nunca viram gente como tu.

MARTIM

— Venho de bem longe.

CORTE

(a proa da caravela entrando na água em velocidade / soltando espuma – 5 ou 6 segundos)

CORTE

IRACEMA

— Assim... seja Bem-vindo ao campo dos tabajaras... (mais altiva) os tabajaras são os senhores das aldeias... de todas as aldeias... vem (*Martim se levanta com custo / cambaleia e cai / Iracema hesitante o ajuda dando o ombro para que ele se apoie*) ... o branco vem à cabana de Araquém... Araquém é pai de Iracema. Ele cuida...

## **CENA 5**

EXT. TARDE CAINDO. VISÃO DA TABA

a cabana do pajé / O ancião fuma cachimbo à porta / O pajé nota os dois vultos que avançavam / ênfase a Martim, quase desmaiado, apoiado em Iracema, entrando na tribo / índios observam / índias riem / há sons, cores, os índios, coisas e chocalhos e pássaros em algazarra.

Ancião Araquém conheceu Iracema / faz menção com a cabeça / seu olhar troca entre Iracema e e Martim / dá suas baforadas / Tranquilo, esperou.

IRACEMA (se aproxima)

— Ele veio, pai.

ARAQUÉM

— Veio bem. É Tupã quem traz a visita à cabana de Araquém.

IRACEMA

- (como se desculpando) Mas eu atirei nele, pai. (ela deposita Martim numa esteira no chão de uma grande oca / em deitar o ferimento dói)

(o pajé passou o cachimbo ao jovem / entraram ambos na cabana / o jovem sentou-se na esteira principal no centro da habitação / Iracema acendeu o fogo / trouxe cuias / e trouxe provisões para fome e a sede: caça, a farinha-d'água / frutos silvestres / favos de mel / tudo sob observação de Martim e do Araquém / trouxe vinho de caju e ananás. / Iracema sai / os homens pitam / Iracema volta com cabaça para lavar o rosto e as mãos do jovem / o jovem come muito / enquanto come Iracema lava / Martim sente dores / refaz a bandagem

ARAQUÉM (fala alto)

— Ere ioubê - O guerreiro veio.

MARTIM

— Pa-aiotu – Sim, Vim. Vim por mar... depois, me perdi na floresta.

ARAQUÉM

— Bem veio. Estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Tabajaras têm mil guerreiros para defender estrangeiro, e tem muita mulher sem conta para servir... e tudo obedece.

MARTIM

(lembra da caravela no mar / lembra do tiro de arcabuz / lembra da fuga / lembra da cruz cristã) (Tais lembranças podem ser tomadas como imagens evidentes, é claro. O lance da gaivota – num ponto qualquer aí do roteiro – é que a gaivota está sempre em bando sobre as caravelas e isso imediatamente o remete às caravelas e à sua cultura. A gaivota não é um sinal mágico mas realista. Se ouço a gaivota guinchar é por que o navio está perto. Por isso a lembrança e se trata de uma alavanca / desfaz o que ele vive naquele momento – pois são elos recentes – e a memória da terra portuguesa retoma forte, pois se trata de elo muito arraigado. O amor por Iracema pode ser paralelizado com a coisa da espontaneidade. Lá em

Portugal ele tem uma noiva mas, provavelmente, é caso de circunstancia entre nobres, não é espontâneo. )

— Pajé, eu agradeço. Logo que o Sol nascer, deixarei tua cabana e teus campos onde cheguei perdido; tenho ainda uma coisa para dizer... Araquém me trata como amigo... não posso deixar de dizer...

ARAQUÉM

— Foi a Tupã que o pajé serviu: Tupã te trouxe, Tupã te levará. Araquém nada fez pelo estrangeiro; Araquém não pergunta donde vem, e quando vai. Se quer dormir, desçam sobre ti os sonhos alegres; se quer falar, Araquém escuta.

MARTIM

(hesita / reflete)

— Vim das gentes que levantou a taba nas margens do Jaguaribe, perto do mar, onde habitam os pitiguaras... (*tensão / Troca de olhares*)...

ARAQUÉM

- ... pitiguara... senhor dos vales... pitiguara em guerra...

MARTIM

- ... Meu nome é Martim... eu estava com os pitiguaras quando me perdi (Iracema se assusta com a história / olha os dois homens / sente-se desolada / sai da cabana apertando a mão).

ARAQUÉM

- ... filho de guerreiro...

MARTIM

- ... Venho do povo que primeiro viu tuas terras... O povo que atravessou as grandes águas... Já meus destroçados companheiros voltaram por mar às margens do Paraíba, de onde vieram; e o chefe, desamparado dos seus, atravessa agora os vastos sertões do Apodi. Só eu de tantos fiquei, porque estava entre os pitiguaras, na cabana do bravo Poti, que plantou comigo a

árvore da amizade. Há três sóis partimos para a caça; e acabei perdido dos meus... e, vim parar nos campos dos tabajaras.

ARAQUÉM

— Foi algum mau espírito da floresta que cegou o guerreiro branco no escuro da mata.

(Olham-se / Um pássaro piou, além, na extrema do vale.)

## CENA 6

(Caía a noite / O pajé vibrou o maracá, e saiu da cabana / Martim acha estranho aquilo / movimenta-se na tentativa de sair também ou se preparar para algo / tensão / tensão que passa com o retorno de Iracema, apreensiva / Martim fica aliviado e deixa-se cair pois ainda está fraco, sorrindo / Depois percebe que Iracema está triste, estranha / Então, mulheres índias entram na cabana / rindo e sussurrando entre si quando vêm Martim / em contraponto a Iracema que está acabrunhada e triste.)

IRACEMA

— Branco... o prazer embaile tua rede durante a noite; e o Sol traga luz a teus olhos, alegria à tua alma.

CLOSE IRACEMA / CLOSE MARTIM

(Iracema / o lábio trêmulo / úmida pálpebra / Martim / dores / cansaço / observa as índias se aproximarem / elas pegam nos cabelos de Martim / mexem na roupa / curiosinhas)

MARTIM

— Me deixa?

IRACEMA

— As mais belas cunhãs da grande taba contigo ficam. (Iracema se prepara para sair)

MARTIM

— Espera... Não me interessa nenhuma mulher...

IRACEMA

- Iracema quis agradar...

MARTIM

- Eu fico feliz se você não sair daqui... fica do meu lado...

IRACEMA

- Cunhãs querem brincar... cunhas deixam branco feliz... Iracema não pode...

MARTIM

(se move com dor / pega no braço de Iracema)

- Esquece isso... (arfando / a ferida dói) eu quero descansar... fica aqui, mande-as embora... Eu só quero descansar... fica do meu lado enquanto durmo...

IRACEMA

- Araquém fica ofendido...

MARTIM (grita)

Não importa. (arranca as bandagens / segura o braço com dores / se levanta)... de qualquer maneira eu vou embora, agora. A filha de Araquém não devia ter conduzido o estrangeiro à cabana do pajé... podia ter deixado no mato...

IRACEMA

Eu o feri de morte... eu peguei obrigação com o branco...

MARTIM (nos olhos de Iracema / menos euforia ou raiva)

... podia ter me deixado lá...

IRACEMA

O branco ferido fica a meus cuidados... E tem mais... o branco estava em terra tabajaras... tem que explicar por que... (as mulheres que entraram com Iracema a olham com certo respeito)

CORTE

(as fraldas de uma caravela em velocidade corta o azul – 5 ou 6 segundos)

CORTE

MARTIM

... (com a cara no chão de esteira) Eu me perdi... (retorna o olhar para Iracema)... eu nem quero essas mulheres...

IRACEMA

— Cunhãs... Estrangeiro, Iracema não pode ser tua serva... se é que pensa assim... É Iracema quem guarda o segredo da jurema e o mistério do sonho. (Martim está atento) A mão de Iracema fabrica para o pajé a bebida de Tupã. Iracema não pode brincar igual as cunhãs.

(Martim, irritado, atravessou a cabana e sumiu-se na noite / A grande taba erguia-se no fundo do vale, iluminada / índios em torno / Rugia o maracá; canto selvagem / a dança / rude cadência. O pajé fala ao povo / inspirado ou chapado pela jurema / grande zoadas de tambores... / quem está longe se aproxima / exceto Martim)

ARAQUÉM

- Povo Tabajara... O maior chefe tabajara, IRAPUÃ, desce do alto da serra, para levar as tribos do sertão contra o inimigo pitiguar. Os guerreiros dos campos festejam a vinda do chefe IRAPUÃ, e celebram o combate perto. (os índios gritam exultantes). Os pitiguar invadem nossa terra passo a passo. Os pitiguar se juntam ao branco guerreiro por que não tem mais força? Os pitiguar se escondem atrás das armas do branco guerreiro? Se é dessa forma que Tupã põe as coisas do destino a nossa vitória está perto. Os tabajaras conhecem muito bem seus caminhos de pedra e suas lagoas... (o povo delira) IRAPUÃ está chegando e com ele chega o dia da batalha contra os Camarão.

(MARTIM / segurando o braço que dói / viu de longe o clarão da festa / passou além / lua clareia tudo / Martim segue / Quando ele trans/montou o vale e ia penetrar na mata, Iracema surge num rompante / cessa a barulheira da tribo / só o cri-cri da mata / um tem olhos somente para o outro...

IRACEMA

— Por que... o branco...

MARTIM

- Martim... meu nome é Martim...

IRACEMA

- Martim... abandona a cabana sem levar o presente da volta? Quem fez mal ao guerreiro branco na terra dos tabajaras?

(Martim sentiu que era justa a queixa; e achou-se ingrato / mas perde-se em olhar para outro lado/ não quer encarar mais Iracema)

MARTIM

— Ninguém fez mal ao visitante, filha de Araquém...

IRACEMA

- Iracema... meu nome é Iracema...

MARTIM

- (quase sussurra / como se namorasse o nome) Iracema... É o desejo de ver meus amigos que me afastam do campo dos tabajaras. Não levo o presente da volta; mas levo a lembrança... (hesita em falar mas fala)... de Iracema.

IRACEMA

— (suplicante) Se a lembrança de Iracema estivesse n'alma do estrangeiro, ela não o deixaria partir. O vento não leva a areia da várzea, quando a areia bebe a água da chuva.(suspira) Eu peço... (olham os índios na taba e fogueira)... Guerreiro branco... (olha para ele)... Martim... espera Caubi voltar da caça.

MARTIM

- Quem é Caubi?

IRACEMA

- ... Irmão de Iracema... Caubi conhece a mata... vê melhor nas trevas... Caubi te guiará às margens do rio das garças. Caubi te deixa salvo nas areias...

MARTIM

— Quanto tempo isso vai levar? ... demora para o teu irmão voltar ?

IRACEMA

— Um sol... dois... sol, o sol que vai nascer tornará com o guerreiro Caubi... (delicada) espera...

MARTIM

— Se ele não voltar logo eu parto assim mesmo... está bem?

(Iracema baixa a cabeça submissa / Martim se afasta / retorna para a cabana do Araquém / Iracema observa Martim se afastando / barulho na mata de algo que se arrasta / Iracema olha sorradeira e decidida / procura / nada acha / caminha sobre os passos de Martim).

## **CENA 7**

(Martim se embala na rede / noite / pios / rotina da mata / Iracema canta – sobre o canto desenha-se a floresta / os caminhos e paisagens mais originais / todas noturnas / entre clarões de lua / animais aquáticos e folhagem murmurante / Enquanto a canção se desenvolve mixar esse canto a algo parecido com o canto da Uiara, que é um canto que encanta / mesmeriza/ no sonho de Martim Iracema e Uiara podem ser as mesmas / fundem-se / Iracema penteia os cabelos / e Uiara o faz do mesmo modo nas águas dos lagos / sob a lua / Martim está em semi-abandono de sono e se ve sob a águas / imerso no lago olhando em torno mas inerte / flutua olhando a mancha da lua / alguém pula nas águas / é IracemUiara / Martim afunda e IracemUiara o persegue a nado / a música cresce em sinfonia aquática / IracemUiara vai em busca dele / braçadas ligeiras / IracemUiara e a Lua crescem juntas / Martim acorda na tenda molhado de suor e o canto de Iracema volta à toada vocalizada enquanto Martim arfa na rede.

**CENA 8**

EXT. NASCE DO SOL. GALO CANTA.

(Manhãzinha / o povo recolhe as redes na grande taba / caminha para o banho no laguinho.

ARAQUÉM entra furtivamente na cabana)

ARAQUÉM

- Irapuã chegou!

(A Flauta boré soa lá fora / Martim abre os olhos, acorda / aos poucos /percebe o barulho crescente dos guerreiros lá fora. Barulho que cresce quase infernal / Uma agitação quase caótica / Travam das armas os guerreiros / correm ao campo / No centro está Irapuã / braços levantados / entrada triunfal ao lado de seus guerreiros / Vem aí o clássico discurso na praça para a multidão ávida:

IRAPUÃ

Tupã deu à grande nação tabajara toda esta terra. Nós guardamos as serras... e abandonamos ao bárbaro potiguara, comedor de camarão, as areias do mar, com os secos tabuleiros sem água e sem florestas. (irado e irando) Agora os pescadores da praia, os sempre vencidos potiguaras, deixam vir pelo mar a raça branca dos guerreiros de fogo que são inimigos de Tupã. (Martim se aproxima da porta / sem ser visto / ouve atento o discurso com ar preocupado / a dor no braço)

(Um moço dos guerreiros avança)

MOÇO

O gavião paira nos ares. Quando a nambu levanta, ele cai das nuvens e rasga as entranhas da vítima. O guerreiro tabajara, filho da serra, é como o gavião. (MARTIM se afasta da entrada procurando de longe suas coisas)

O brancos emboabas estiveram no Jaguaribe; trazem junto um deus morto pregado na árvore cruzada / logo estarão em nossos campos; e com eles os potiguaras. (gritos e azáfama guerreira) Seremos covardes como as pombas? (O irado chefe brande o tacape e o arremessa no meio do campo. Baixa a cabeça teatral / olhar vermelho / Martim já se equipou e está prestes a siar da cabana / procura meios para não ser visto)

Irapuã falou. Irapuã quer destruir de uma vez por todas a raça dos Camarão.

IRAPUÃ

Morte ao branco!! Morte ao branco!!

(Barulho / gritos / O pessoal quer a guerra / O Moço guerreiro ergue o tacape / Martim sai e se esconde / por enquanto / atrás da oca / brande a arma no ar )

Irapuã falou. Enquanto Irapuã viver nenhum homem branco pisa nessas terras...

(Gira no ar / rápida e ameaçadora / a arma do chefe passou de mão em mão / sai em giro pelas mãos no meio da taba / mas levanta lentamente a cabeça para olhar a mulher Iracema que caminha no fundo da Taba / a tomada é do ponto de vista de Irapuã / ele não vê Martim).

O branco se aliou ao inimigo potiguar... eles querem nossas terras... eles querem nossas mulheres... (olha Iracema que fala com alguém que ele não sabe quem é / em princípio a atenção dele é para a mulher)... o branco é a cor da morte!!!

(Gritos / no trajeto o tacape é deixado para que próxima mão o segure / FUSÃO DO TACAPE COM

(imagem da cariátide – aquela imagem na proa da caravela - que a protege enquanto segue – 5 ou 6 segundos) / FUSÃO / então uma das mãos não o faz / o tacape cai no chão / é a mão de Andira / silêncio na tribo / parece um afronta / Irapuã levanta a cabeça com olhar ameaçador / preocupa-se com o bate boca de Iracema ao longe)

(O velho Andira, irmão do pajé / pisa no tacape que está no chão / e calcou no chão, com o pé ágil ainda e firme. Pasma o povo, embasbacado)

POVO (em gritos alternados / confusão)

- Que é isso velho herói? Paz? O velho guerreiro quer a paz? Andira, o que é isso? Andira quer a paz? Andira é homem da guerra.

ANDIRA (levanta os braços / o povo se cala quase instantaneamente / isso não agrada Irapuã / que olha para todos ao lados como que comprovando que os índios pisaram na bola / enquanto Andira fala Irapuã – quem nem está aí mesmo – desvia o olhar para Iracema que num momento nota que [é observada por Irapuã / nesse momento ela sai do campo de visão de Irapuã e está atrás da oca)

— Andira, (pausa gigante / o velho bate no peito) o velho Andira bebeu mais sangue na guerra do que vocês todos já beberam de cauim nas festas de Tupã, (pausa / som da mata)...

## **CENA 9**

MARTIM

(Martim atrás da cabana / carregando suas coisas / conversa com Iracema / burburinho ao longe)

- Não adianta ficar por aqui (Martim vai a passo e passo / meio lerdo e doentio / Iracema parou em face de Martim)

IRACEMA

— É a presença de Iracema que perturba a serenidade no rosto do estrangeiro?

## **CENA 10**

ANDIRA

- ...muito mais do que todos quantos guerreiros alumia agora a luz de seus olhos. Andira viu mais combates em sua vida, do que luas. Quanto crânio de potiguar ANDIRA escalpelou? E o

velho Andira nunca temeu que o inimigo pisasse a terra de seus pais; mas alegrava-se quando ele vinha, por que era tempo de guerra... (pausa e um silencio de respeito)...

MARTIM

— Não, filha de Araquém: tua presença alegre, e alegre mais do que a luz da manhã. (Martim olha para a discussão) Foi a lembrança da minha terra... Sonhos antigos... saudades de um outro mundo... e... (sorriso de mofa) Eles querem me matar... Ou você não está percebendo...

IRACEMA

- O branco sabe que é inimigo dos tabajaras... os tabajaras querem matar o branco...

MARTIM

- Isso não me ajuda em nada, moça... (faz menção a seu braço)

IRACEMA (percebe o medo do outro)

— Enquanto a cabana de Araquém for a tua cabana Irapuã não ousará nada... (pausa / Iracema tenta ler os pensamentos de Martim que está com medo, tá na cara)... por acaso tem mulher branca lá na tua terra...?

## **CENA 11**

ANDIRA

- A nação tabajara tem que ser prudente. A nação tabajara... nesse momento... deve encostar o tacape da luta e fazer festa. (caminha a passos decididos e para na frente de Irapuã)...

IRAPUÃ (puto)

— Andira velho... que velhos está mesmo... Fica escondido... bebendo por tua conta fica, velho morcego, porque teme a luz do dia, e só bebe o sangue da vítima que dorme. Irapuã leva a guerra no punho do tacape. O terror que Irapuã inspira voa com o rouco som do boré. (uma quantidade infernal de borés soam roucas pela taba)... O potiguara já tremeu lá na terra deles.

ANDIRA

Tuxaua Irapuã... (Irapuã não dá mais trela para Andira que fala para o povo / Irapuã se fastia de olhps onde Iracema estava / Irapuã vai para lá) Povo tabajara... Celebra... celebra a vinda dos emboabas e deixa que cheguem todos aos nossos campos. (solene e terrível) Então Andira te promete o banquete da vitória.

(tensão / todos atentos)

### **CENA 12**

(O forasteiro desviou os olhos / está cansado / Iracema dobrou a cabeça / Irapuã se aproxima em cortes sucessivos)

MARTIM

— A mulher branca é bela... mas, Ela não é mais gentil nem mais amiga do que Iracema... nem mais formosa! (Irapuã se aproxima em cortes sucessivos)

IRACEMA

— A flor da mata é formosa quando tem um tronco onde ela se enlace. (Emudeceram ambos, / olhos no chão). Sozinha a flor da mata não é nada... A alegria voltará logo à alma do guerreiro branco; porque Iracema quer que ele veja antes da noite a noiva que o espera. (Irapuã e sua borduna)

MARTIM

- Do que é que você está falando? (Martim sorriu )

### **CENA 13**

(vemos Irapuã se aproximando donde o casal conversa / tomada pelas costas de Irapuã / as mãos de agarram na borduna / ele surge na área e não há ninguém / ele nolha para a verdura da mata / suspeito)

**CENA 14**

IRACEMA (através de uma trilha)

- Vem! Vem comigo!

(mãos dadas / Martim a reboque / Martim puxado por Iracema entram na mata fechada /  
passam por árvores de grandes raízes)

MARTIM

- Para onde me leva, moça... eu tenho que ir embora...

IRACEMA

- Vem comigo... branco... fala menos...

MARTIM

- Meu braço dói!... (Martim para no meio do caminho / triste / senta-se numa pedra /  
desconsolado)

IRACEMA

- O que tem? Não quer fugir?

MARTIM

- Não sei...

IRACEMA

Não sabe?...

MARTIM

-Se eu for... nunca mais verei você...

IRACEMA

- E isso não é bom (sondando)... Longe do inimigo?

MARTIM

Já não sei... qual o formato do inimigo...

CORTE

(A inteira caravela singrando / velas ao vento / poderosa) 5 ou 6 segundos)

CORTE

IRACEMA

O inimigo é como a noite... faz esquecer o que passou... (olha suspeitosa para Martim)... mas para Iracema... Iracema acha que o branco está triste mesmo por causa da saudade da mulher branca...

MARTIM

(como se acordasse)

- Você tem razão... (levanta-se e em cortes sucessivos Martim olha o seu inimigo imediato que são Cabelos / Gestual / Boca / Seios)... tenho que fugir do inimigo... tenho que descansar...

(Martim se prontifica a retornar sozinho / toma de suas coisas que estavam pelo chão / olha em volta)... a praia... para onde fica a praia, Iracema... (Martim cambaleia para qualquer trilha / zozzo e perdido / Iracema se aproxima dele / o segura selvagem (portanto tem que ser uma mulher que mesmo má fica linda) pega no braço machucado de Martim com intenção / ele se dobra em dores e urros)...

IRACEMA

(segreda a Martim)

Eu sou sua inimiga / tu é prisioneiro de Iracema... / Iracema cuidará bem de seus presos antes deles irem embora. (carrega Martim de volta para a trilha de fuga). Nós vamos para o jardim das juremas... Martim não quer ter bons sonhos e rever suas terras? (enquanto penetram na mata ) Martim disse que Iracema não ajudava em nada... vai ajudar agora...

(Atravessaram o bosque e desceram ao vale / abóbada de folhagem verde-negra/ Antes de penetrar no sítio, Iracema toma a mão de Martim / ela hesitou / rumores da mata /

IRACEMA (que vai na frente / Martim se dobra de vez em quando com dores / de vez em quando dá uma olhadada para trás)

- Cuidado com o jardim... (ela olha Martim cheia de mistérios / como se ele não soubesse)

MARTIM (que não tira o olho dos cabelos / das costas / do corpo da índia / fala baixo, pra si)

- Como se eu não soubesse.

(Iracema para e olha para Martim como que perguntando: Você disse alguma coisa?. Martim faz aceno com a mão de quem não foi nada e podem seguir / andam para matas mais profundas / buscar aqui uma densidade íntima)

Iracema fez ao estrangeiro um gesto de espera e silêncio, e depois desaparece no bosque.

Sugiro aqui a criação de um clima entre florestal e mágico com sol que desce e lua que sobe / fusão desses elementos / rola o tema de amor / pássaros que cessam de cantar / neblina?

Iracema retorna, traz numa folha gotas de verde e estranho licor / Ênfase no líquido /

Apresenta ao guerreiro a taça

IRACEMA

— Bebe, branco!

(Martim hesita / a morte?)

- O branco só tema a mim para confiar...

(Martim toma tento mas toma coragem / o delírio começa com imagens de animais fortes / luta de animais / verdes mares / ventos / praia e coqueiros / grandes ondas batendo na praia / estardalhaço de pedras / Martim se debate /

## CENA 15

(para a continuidade do sonho) em tomadas rápidas e alternadas

Imagens da mãe de Martim em Portugal / terra natal / moça jovem / passeios / bailes na capital / abraça o pai / todos choram / caravelas no porto / sai para caravela / gaivotas e Martim que as observa / caravelas singra os mares / Martim acena para o cais / visão de Portugal ao longe / caravela em meio á tempestade / raios e chuvas / desce na praia / entra na floresta /

imagens da cena 2 / Martim vendo Iracema que sai das águas / deitada lânguida sob a árvore / susto repentino / Iracema atira a flecha / Martim desmaia / acorda / cessa o sonho

MARTIM

— Iracema! Iracema!...

(Martim olha em volta e está sozinho / procura nas estranhas da mata sem sair do lugar / silêncios e pios / Sente-se estranho / adormecido e chapado / medo / relembra a noiva de Portugal e a Imagem de Iracema se sobrepõe (sobreposição do delírios ou seja, sai do delírio (mulher de Portugal) para a realidade / mas uma realidade sob nuvens) / Iracema toma forma / toda sorrisos / mas deve ser parecer uma aparição / surge num lugar em que Martim olhava e ali ela se materializa (ele delira / ela lá está realmente) / Martim sorri e se acalma / deita a cabeça no chão / alívio / prende a mulher / abraça-a)

- Iracema...

(Iracema amolece (real) / beija como índia e é beijada como ocidental / (podemos intercalar no delírio de Martim com cenas dele mordendo pêssegos e furtas suculentas) / ela tremula / avança como índia que quer brincar / se envolvem / sorri / Iracema arranca uns colares de seus pescoço (um símbolo de agora a coisa vai e eu nem estou aí) / treme de novo / tem medo / soltando-se rápida do braço que a cingia / se afasta mesmo / pega do arco / foge / (ou seja, não consome o ato, foge na hora H) e se arma, bota a couraça de volta / Iracema passou entre as árvores, silenciosa como sombra (está feliz mas teve que fugir) / há vultos nessas sombras / deve ficar nesses mistérios / Iracema para e tenta perceber se é seguida / ela presente / há olhares e pios falsos entre as folhas / ela escuta o silêncio profundo da noite / Parou / Uma sombra resvala entre as ramas / passo ligeiro / A pouco e pouco o tênue rumor foi crescendo / crescendo / cresce e a sombra avultou / Era um guerreiro. De um salto a virgem estava em face do vulto / trêmula de susto e mais de cólera / arco retesado.

IRAPUÃ

— Iracema! Sou eu!

IRACEMA

— Anhangá assustou Irapuã?

(Irapuã se movimenta lento mas tem que parar por que Iracema retesa mais o arco)

- O espírito sem corpo acordou Irapuã? (pausa) Irapuã se perdeu? (pausa) Sabe que nenhum guerreiro pode penetrar no bosque da Jurema sem a vontade de Araquém.

IRAPUÃ

(olha suspeito / olha na direção do tal bosque como que dizendo com olhar que “parece que tem alguém por lá, ainda”)

— A lei serve pra todo tabajara... não! Não foi Anhangá, mas a lembrança de Iracema...

(Irapuã olha em torno)... Irapuã desceu para a várzea... Chegou na tribo em festa, e Iracema fugiu de seus olhos. (tensão / Irapuã está suspeito / Iracema não é mulher de medo / o arco retesado / a flecha quase encosta na cara de Irapuã).

- As vozes da taba contaram ao ouvido do chefe que um estrangeiro estava na cabana do pajé Araquém. (Iracema estremeceu. O guerreiro cravou nela o olhar abrasado / meio barbo) O coração no peito de Irapuã ficou tigre. (desdenhoso ele fica de costas contra o arco) O coração tigre pulou de raiva. Veio farejando a presa. (cresce no vozerio enquanto retorna para encostar o peito na flecha de Iracema) O estrangeiro branco está no bosque, e Iracema está com ele. Quero beber o sangue dele... todo: (Iracema baixa lentamente o arco e nesse movimento faz um corte no peito de Irapuã)... quando o sangue do guerreiro branco correr nas veias do chefe tabajara, talvez o ame a filha de Araquém.

IRACEMA

(sorri de desprezo)

— Nunca... Iracema nunca será flor ebrta ao guerreiro mais vil dos guerreiros tabajaras! (ela é danada) Sujo e covarde é o morcego porque foge da luz e bebe o sangue da vítima adormecida!...

IRAPUÃ

— Filha de Araquém, não assanha o jaguar! O nome de Irapuã voa mais longe... Que o guerreiro branco venha, e o seio de Iracema se abra para o vencedor.

IRACEMA

— O guerreiro branco é visita de Araquém que Tupã mandou em sua sabedoria... A paz o trouxe aos campos do TABAJARA, a paz o guarda. Quem ofender o estrangeiro, ofende o pajé.

IRAPUÃ

(ri feito doido)

— A raiva de Irapuã só ouve agora o grito da vingança. O estrangeiro vai morrer.

IRACEMA

— A filha de Araquém é mais forte que o chefe dos guerreiros. (ela toma de uma trombeta de guerra, a inúbia) Iracema tem aqui a voz de Tupã, que chama seu povo.

IRAPUÃ

— Mas ela não chamará!

IRACEMA

— Não, porque Irapuã vai ser punido pela mão de Iracema. (levanta o arco) Seu primeiro passo, é o passo da morte.

(Iracema deu passo atrás, se posicionou como guerreira / vibrou o arco. O chefe cerrou ainda o punho do formidável tacape (tensão) sentiu que pesava ao braço robusto. O golpe que devia ferir Iracema, ainda não alçado / Irapuã pensa bem / levanta o tacape / Iracema retesa o arco / Irapuã desce sem lançar...

IRAPUÃ

— Eu ainda pego esse branco. (quase cuspiando na cara dela) Covarde é o guerreiro protegido por mulher.

(Dizendo estas palavras, o chefe desapareceu entre as árvores / percebe-se que uma multidão o segue em forma de culto / Iracema sempre alerta – deixa que a indiada se distancie - voltou para onde estava Martim / Pé ante pé / Martim dorme / Iracema vela a seu lado / Observava Martim / contorna seu perfil com os olhos / depois com o dedo / ousa mais / cinge a cabeça do guerreiro / aperta a cabeça de Martim contra o seio / um pequeno gozo sozinha com a cabeça do cara nos seios / então ela o larga meio bruscamente / se afasta olhando Martim desmaiado.

(A sensação da Iracema é a de que “quase dancei nessa com a minha virgindade e esse branco ainda por cima é meu inimigo” / não é muito pena do Martim pois ele está à mercê dela / está fraco / poderia ser morto a qualquer momento / temos que tomar a decisão quanto ao lance do AMOR. Que amor é esse? Para mim é paixão do momento Índio/Branco/sem selva ou lei para Martim e se livrar do peso de ser a Virgem da Jurema... um pouco de tara por serem diferentes e a curiosidade de como deve ser esse negocio / O que é que você acha?)

IRACEMA

— O amor de Iracema é como o vento dos areais; mata a flor das árvores...

*(afastou-se lentamente floresta adentro)*

## **CENA 16**

EXT. ALVORADA. SOM CRESCENTE E ABSURDO DE PÁSSAROS.

(Quando Martim abre os olhos o som da floresta normaliza / Ficou apenas um vago sentir / treina o braço dolorido / está bem melhor / Martim sorri // Não sabia onde estava / levanta-se / À saída do bosque sagrado encontrou Iracema / reclinada num tronco áspero do arvoredo / os olhos no chão / pálida /

MARTIM

- Que foi, Iracema?

IRACEMA

(estremece) - Nada foi...

MARTIM

- Você está triste...

IRACEMA

- O branco tem razão...

MARTIM

- Eu já disse o meu nome para você...

IRACEMA (zangada sem alaridos)

- O branco deve partir mesmo.

MARTIM

Meu braço está melhor... muito melhor... (Iracema se aninha como buigre mesmo / fechado em si / beirão de amuo / zanga infantil / fica de costas pro Martim)

— O guerreiro Caubi vai chegar à taba de seus irmãos. Neste sol... O estrangeiro poderá partir quando quiser...

MARTIM

— Quer que eu vá embora...? se eu for... a tua alegria voltará.

IRACEMA

— É você que decide... Nunca mais a alegria voltará.

(Martim amparou o corpo trêmulo; ela reclinou lânguida sobre o peito do guerreiro / ou seja / não quer que ele vá mas quer que o imbecil se decida)

MARTIM

— Teu hóspede... teu prisioneiro... fica... se você quiser... ele fica para ver abrir alegria na tua boca, e para colher o mel de teus lábios.

(Iracema soltou-se dos braços, e olhou-o com tristeza)

IRACEMA

— Branco... Iracema é filha do pajé, e guarda o segredo da jurema. Eu sou a virgem de Tupã. O guerreiro que possuir a virgem de Tupã morreria.

MARTIM

— E Iracema? O que acontece com Iracema?

IRACEMA

— Você morre!... Eu não quero Martim morto...

(A cabeça de Martim vergou e pendeu sobre o peito; mas logo se ergueu)

MARTIM

— Os guerreiros de meu sangue caminham junto da morte...

CORTE (voz do Martim)

(A inteira caravela singrando / aparecem canhões nas laterias / velas ao vento / 5 ou 6 segundos)

CORTE

... trazem a morte consigo. Não a temem para si, não a poupam para o inimigo. A verdade falou pela boca de Iracema. Eu devo abandonar os campos dos tabajaras.

IRACEMA

— Deve. O mel dos lábios de Iracema tem na doçura o veneno. É um engano... A virgem dos olhos azuis e dos cabelos do sol guarda para seu guerreiro na taba dos brancos um mel mais doce. Vai embora, Martim... vai de uma vez, Martim...

(Martim afastou-se rápido, e voltou, mas lentamente. )

MARTIM

— O estrangeiro partirá para que o sossego volte.

IRACEMA

— A tua partida leva a luz dos olhos de Iracema, e a flor de sua alma.

(barulho de gritos na mata ao longe / grande bateção de troncos / Martim fica atento / Olha Iracema)

IRACEMA

— É o grito de alegria do guerreiro Caubi. Meu irmão acaba de chegar.

### **CENA 17**

(Caubi lança por terra um cervo que acabara de caçar. Caubi é um índio grandalhão e forte e sorridente / índio boa praça. A tribo grita)

### **CENA 18**

(Martim entrou só na cabana. Martim parou indeciso / Lá dentro Araquém pita)

ARAQUÉM

— O pajé dorme porque já Tupã voltou o rosto para a terra e a luz correu os maus espíritos da treva. Mas o sono é leve nos olhos de Araquém; Se o estrangeiro veio para o pajé, fale; seu ouvido escuta.

MARTIM

— O estrangeiro veio para te anunciar que parte. Preciso ir embora... minha gente no grande barco está preocupada...

ARAQUÉM

— O hóspede é o senhor na cabana de Araquém; todos os caminhos estão abertos para ele. Tupã o levará de volta à taba dos seus.

(Entram Caubi e Iracema)

CAUBI

— Caubi voltou. Traz a Araquém o melhor de sua caça.

ARAQUÉM

— O guerreiro Caubi é um grande caçador de montes e florestas. Os olhos de seu pai gostam de vê-lo. Os olhos do pai se alegram na juventude de Caubi. (para Iracema) Filha de Araquém, escolhe para teu hóspede o presente da volta e prepara o moquém da viagem. Se o estrangeiro precisa de guia, o guerreiro Caubi, senhor do caminho, o acompanhará.

(Caubi pendura no fumeiro as peças de caça, Iracema colheu a sua rede de algodão com franjas de penas, e acomodou-a dentro do uru de palha trançada. / Caubi e Martim trocam olhares / Martim sai e espera na porta da cabana. Iracema sai / para de seu lado.

IRACEMA

— Guerreiro... tu leva o sono de meus olhos... leva a minha rede também. Quando nela dormir, falem em tua alma os sonhos de Iracema.

MARTIM

— Tua rede será minha companheira na viagem...

(Caubi aparece armado na entrada da tenda / Iracema retorna para a tenda )

CAUBI

— O dia vai ficar triste. É tempo de partir.

### **CENA 19**

Iracema pousou a mão de leve no punho da rede de Araquém.

IRACEMA

- Ele vai!

(O pajé levantou-se em pé no meio da cabana e acendeu o cachimbo / saiu / passou o pito para Martim / Martim pita soltando imensas baforadas / Ele e MARTIM trocaram a fumaça da despedida.

ARAQUÉM

— Bem-ido seja o visitante, como foi bem-vindo à cabana de Araquém.

(O velho andou até a porta, para soltar ao vento uma espessa baforada de tabaco; quando o fumo se dissipou no ar, ele murmurou)

— Jurupari, demônio aleijado, se esconda para deixar passar o hóspede do pajé.

(Martim tomou as suas armas mais pesadas / se dispôs a partir / Adiante seguiu Caubi; a alguma distância anda o estrangeiro; logo após anda Iracema / Desceram a colina e entraram na mata sombria / O sabiá-do-sertão cantava)

IRACEMA (pensa / enquanto ela pensa vemos que outros índios de outras cores caminham nas beiradas como em tocaia / alternado a isso ainda o rosto de Caubi em, close dá notas que percebe certa agitação na floresta / em contraponto o rosto de Martim percebe coisa alguma e sua única preocupação é olhar para Iracema / o rosto dela também em close fica olhares nos olhos azuis de Martim / enquanto continua seu pensamento)

— A tarde é a tristeza do Sol. Os dias de Iracema vão ser longas tardes sem manhã, até que venha para ela a grande noite. Que a grande noite venha logo.

(Martim se voltara / Iracema troca olhar / lágrima pela face guerreira / Caubi, avançando sempre, sumira-se / rapidamente entre a densa ramagem

IRACEMA

— Martim... toma o último sorriso de Iracema... e foge!

(Beijam-se / essa coisa do beijo tem que se meio estranho / ela beija como índia / ele como branco))

CAUBI

- Aô!, Cary. Homem branco! Vem que te espero.

(Iracema abraçou para não cair do tronco de uma palmeira)

## **CENA 20**

INT. CABANA

(medita o velho pajé. Iracema no tronco rudo / Os grandes olhos negros, fitos nos recortes da floresta / rasos de pranto / Iracema brinca com a Ará – a jandaia esperta / Música triste para índia chorona / A jandaia grita o nome de Iracema).

## **CENA 21**

EXT. MATA.

Durante um tempo do trajeto os índios inimigos – Irapuã e troupe - se escondem esperando melhor momento para atacar / em certo momento em que há alternância de imagem entre os tocaiantes e os tocaiados, os tocaiantes percebem que ao entrar na clareira ela está vazia / pausa e espera / se posicionam pois sabem que caíram numa enrascada / perderam as pegadas de Caubi e Martim / por trás deles surge o Caubi grandalhão descendo bordoada por todo canto / a luta se amplia / Caubi reage / luta com uns cinco ao mesmo tempo / Martim ajuda mas na situação de sujeito presente / o braço ainda dói, apesar de tudo / É uma luta rápida / Caubi é muito ágil / Nestas tomadas coreografar as cenas de luta / A turma do Irapuã grita no ataque / Caubi solta imenso e heroico grito que é como que transposto, atravessa a floresta / passa nuvens / desce na tribo e entra na tenda do Araquém / durante o grito Martim leva a mão ao braço e desaba sobre ele mesmo se apoiando em pedras ou na sapopemba)

ARAQUÉM

— (abre os olhos de seu nirvana com o eco do grito de Caubi) Foi o canto da inhuma que acordou o ouvido de Araquém?

(Iracema estremeceira, voltou-se para responder)

IRACEMA

— É o grito de guerra do guerreiro Caubi!

(inhuma pia / Iracema correu para a mata / alternância da corrida de Iracema e a luta dos dois mais além / Iracema corre até o lago / ela diminui a velocidade da corrida quando viu Martim jogado em uma sapopemba, olhando sem conseguir se mover / olhava o que passava ali / Caubi / na verdade o defende / sozinho / heroico / Contra, cem guerreiros tabajaras, Irapuã à frente, formavam arco / O bravo Caubi os afrontava a todos, com o olhar cheio de ira e as armas valentes empunhadas na mão robusta / Iracema pula pra sapopemba e se põe como defensora de Martim, também / talhe esbelto / cabelos ao vento e arco retesado)

CAUBI

— Mata Caubi antes. Se quer o estrangeiro... mata Caubi antes.

(A filha do pajé passara como uma flecha: ei-la diante de Martim / ao vê-la Irapuã soltou o bramido da onça atacada na fuma)

IRAPUÃ

— Filha do pajé, Iracema... Se quiser... Conduz o estrangeiro à cabana, de volta... só Araquém pode salvá-lo.

(Iracema voltou-se para o Martim)

IRACEMA

— Vem! (MARTIM ficou imóvel) Se não vem... Iracema morrerá junto.

(Martim ergueu-se / mas não seguiu Iracema / caminhou direto a Irapuã / A sua espada de Martim flamejou no ar / o soldado mostra ali suas técnicas de esgrima / A Lâmina corta o rosto de Irapuã / mas o peso é muito e o braço desce, no entanto Martim não sai do lado de Caubi / tipo últimas forças)

MARTIM

— Os guerreiros de meu sangue, chefe Irapuã, jamais recusaram combate. Se aquele que tu vês não foi o primeiro a provocá-lo, é porque seus pais lhe ensinaram a não derramar sangue na terra hospedeira.

(O chefe tabajara rugiu de alegria; sua mão possante brandiu o tacape. Mas os dois campeões mal tiveram tempo de medir-se com os olhos; no primeiro golpe, já Caubi e Iracema estavam entre eles. Iracema cingia Martim em seus braços buscando arrancá-lo ao combate / Martim pé fastado mas parece suado de febre ou coisa parecida / De seu lado Caubi em vão provocava Irapuã para atrair a si a raiva do chefe.

CAUBI

- É comigo que você vai lutar, tuxaua... Sangue de quem foi enviado por Tupã, não pode cair em terra tabajara...

(Martim se reergue e rugindo vai de encontro aos dois / A um gesto de Irapuã, os guerreiros afastaram os irmãos Caubi e Iracema / no tranco / assim o combate prosseguiu / Irapuã e Martim lutam espada contra tacape / uma luta graduada / quebrada / lenta / paulatina / até que de repente o rouco som da inúbia reboou pela mata; todos param / atentos aos sinais / Martim vai cambaleando para trás e cai / Iracema o ampara)

IRAPUÃ

- São os pitiguaras... pitiguaras, os senhores das praias de coqueiros.

CAUBI

- Vem da grande taba...

(Irapuã sinaliza / Os guerreiros precipitaram, levando por diante o chefe. Martim e Iracema ficam)

**CENA 22**

Os guerreiros tabajaras, acorridos à taba, esperavam o inimigo diante da caiçara. Martim e Iracema percebem do alto do morrinho e esperam agachado / Não vindo, o bando saiu a buscá-los. Numa tomada de imagens paralelas Martim e Iracema descem o morrinho enquanto o bando sobe um pouco al´me o memso morrinho / o que os esconde um dos outros é uma alameda de árvores / Animais e aves que se movimentam com o movimento dos dois grupos chama atenção deles com medo e atenção / O bando de tabajaras Bate as matas / percorreram os campos; nem vestígios dos pitiguaras;

Close em Irapuã / Suspeitou Irapuã / ele volta seus olhos e cheira o ar / tomada de folhagens abaixo que se movimentam / Iracema e Martim, já cá embaixo / o morro no terceiro plano / correm para a tava / Irapuã toca da trombeta-boé / o casal para ao ouvir e voltam a fugir/

IRAPUÃ (faz sinal com a mão e a borduna)

- Araquém tem assunto para explicar.

(Caminha c'o Bando direto para a cabana do pajé / Repetimos a cena dos cortes sucessivos de aproximação de Irapuã lá de trás – agora com o bando se espalhando pela taba - sugerindo ao público que quando Irapuã e caterva aparecerem na área o casal terá fugido, mas... Irapuã Irrompe na tenda adentro com a borduna traçando uma curva no ar e parando a décios da cara de Martim / Araquém viu entrar em sua cabana o grande chefe da nação tabajara, e não se moveu / no entanto / afastando a câmara vemos que Iracema está com o arco retesado, também / a ponta da flecha quase se enfia nas costelas do Irapuã )

IRAPUÃ

— Araquém, a vingança dos tabajaras espera o guerreiro branco; Irapuã veio buscá-lo. Vou beber o sangue dele... agora...

ARAQUÉM

— O hóspede é amigo de Tupã; quem ofender o estrangeiro ouvirá rugir o trovão.

IRAPUÃ

— O teu hóspede é inimigo dos tabajaras... O estrangeiro foi quem ofendeu a Tupã, roubando a sua virgem, que guarda os sonhos da jurema.

IRACEMA

— Tua boca mente... jibóia!

ARAQUÉM (O pajé / meio atordoado pela novidade / sem perder a ternura / falou grave e lento)

— Se a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor de seu corpo, ela morrerá; mas o hóspede de Tupã é sagrado; ninguém lhe tocará... todos o servirão.

IRAPUÃ

— A raiva de Irapuã não pode mais ouvir, velho pajé! Caia ela sobre ti, se ousa subtrair o estrangeiro à vingança dos tabajaras.

(Entra ANDIRA / trazia no punho o terrível tacape; e nos olhos uma raiva ainda mais terrível / travam as armas ( nesse caso é apenas uma espécie de medir forças / um tacape bate no outro / Irapuã retira o tacape da cara do Martim / e a clave de Andirá se choca coma de Irapuã e congelam / tacape contra tacape)

— O morcego vem te chupar o sangue...

IRAPUÃ

- Índio velho...

ANDIRA

-... se é que tem sangue e não mel nas veias... quem é você para ameaçar o pajé na Cabana dele.

ARAQUÉM

— Paz e silêncio, Andira. (para Irapuã) Mais um passo mais, e as iras de Tupã racharão tua cabeça... te esmagarão sob o peso desta mão seca e mirrada!

IRAPUÃ

— Neste momento, Tupã não é contigo!

(O pajé riu / riso sinistro / trovões longínquos na serra )

ARAQUÉM

— Ouve o trovão de Tupã, e treme... (Araquém avançou até o meio da cabana / no chão / ali ergueu / com esforço surpreendente / uma grande pedra / calcou o pé com força no chão: súbito, abriu-se a terra. Do antro profundo saiu um medonho gemido / grave / forte / Irapuã não tremeu, nem enfiou de susto / mas move lábios e olhos / assuntando) (não acredito em explicações aí / é o mágico / cá entre nós / uma passagem secreta que dá numa cascata / o barulho é o zoar da cascata).

IRAPUÃ

— O senhor do trovão é por ti; o senhor da guerra, será por Irapuã.

(Irapuã deixou a cabana / O pajé e seu irmão maquinam magias na direção do buraco / Martim, ainda surpreso do que vira, não tirava os olhos da funda cava / Um surdo rumor ruidava ali / cismava enquanto olha pensa)

MARTIM

- ... o deus dos tabajaras não pode dar ao seu sacerdote tamanho poder.

(Araquém, percebendo o que passava n'alma de Martim, acendeu o cachimbo e travou do maracá / traçou danças e desenhos no chão / dançou em volta do buraco)

ARAQUÉM

— É tempo de aplacar as iras de Tupã, e calar a voz do trovão.

CORTE

(A inteira caravela singrando / tomada de popa tendo ao fundo a parede de selvas do continente / a caravela zune naquela direção / velas ao vento / 5 ou 6 segundos)

CORTE

( Araquém partiu da cabana / Iracema achegou-se a Martim / sorria)

IRACEMA

— O coração de Iracema está feliz. Ninguém fará mal ao guerreiro branco na cabana de Araquém.

MARTIM

— Fica longe do inimigo, virgem dos tabajaras

(respondeu Martim / aspereza de voz / Volta brusco para o lado oposto)

IRACEMA

— Que fez Iracema, para que o guerreiro branco desvie seus olhos dela, como se ela é o verme da terra?

MARTIM

— Não ouve ? ( apontando para o buraco)

IRACEMA

— É a voz de Tupã!

MARTIM

— Teu deus falou pela boca do pajé: “Se a virgem de Tupã abandonar ao estrangeiro a flor de seu corpo, ela morrerá!...” (Iracema pendeu a fronte abatida)

IRACEMA

— Não é voz de Tupã que ouve teu coração, Martim, é o canto da virgem branca, que te chama!

(Olham-se / O rumor das profundezas cresce e apaga-se de repente: fez-se na cabana grande silêncio)

### **CENA 23**

EXT. NOITE.

(Barulho noturno / animais na floresta / muito longe um batuque grave)

INT. CABANA / TOCHAS

(O pajé tornara à cabana / toma da laje / sopesando a grossa laje, fechou com ela a boca do antro. Caubi chega / No meio da cabana, entre as redes armadas, estendeu Iracema a esteira da carnaúba, e sobre ela serviu os restos da caça, e a provisão de vinhos / todos comem em silencio / ao som de um ou outro tambor eles se aquietam / Caubi come muito / Martim estava ao fundo / percebe que a ferida sangra / O pajé fumava / Iracema vertia lágrimas / na noite um grito vibrante / Martim ergue a fronte e inclina o ouvido. Outro clamor.)

MARTIM (sussurra)

— Escutou, Iracema, cantar a gaivota?

IRACEMA

— Iracema escutou o grito de uma ave que ela não conhece.

MARTIM

— É a atiati, a garça do mar, e tu és a virgem da serra, que nunca desceu às praias. Não pode conhecer a garça que acompanha nosso barcos...

IRACEMA

— As praias são dos pitiguar.

MARTIM

— O canto da gaivota é o grito de guerra de Poti... meu amigo e meu irmão! Ele está por perto!

IRACEMA

- Poti famoso... tenho medo pelos irmãos... Poti guerreiro feroz...

MARTIM

- Eu sei... Rara é a cabana onde já não rugiu contra ele o grito de vingança... Poti já matou muito tabajara.

IRACEMA

— (ingênua que dói) O estrangeiro está salvo; os irmãos de Iracema vão morrer, porque ela não falará.

MARTIM

— Saia essa tristeza de tua alma. O estrangeiro parte de teus campos, não deixará neles rastro de sangue. (Iracema tomou a mão do Martim e beijou-a) Teu sorriso apagou a lembrança do mal que eles me querem.

(Martim ergueu-se e marchou para a porta)

IRACEMA

— Aonde vai o guerreiro branco?

MARTIM

— Adiante de Poti. Preciso falar com ele... antes que seja tarde...

IRACEMA

— O hóspede de Araquém não pode sair desta cabana, porque os guerreiros de Irapuã o matarão. (Martim se imobiliza / pensa / fica irritado) A hora vai chegar.

MARTIM

— (rude) Um guerreiro só deve proteção a Deus e a suas armas. Não carece que o defendam os velhos e as mulheres.

IRACEMA

— (baixa a cabeça / Araquém olha com decisão, cachimbando) Não vale um guerreiro só contra mil guerreiros...

MARTIM

- Desculpa Iracema...

IRACEMA

- ... valente e forte é o tamanduá, que morde os gatos selvagens por serem muitos e o acabam.

MARTIM

(se aproxima e abraça)

- Eu não queria ser rude...

IRACEMA

- Tuas armas só chegam até onde mede a sombra de teu corpo; as armas deles voam alto e direito. Entram no peito.

MARTIM

— É... percebi isso... (leva a mão ao ferimento) Todo o guerreiro tem seu dia.

IRACEMA

— Não quer que eu morra, não é?

MARTIM

- Claro que não.

IRACEMA

- ... E quer que ela te deixe morrer!?! (Martim perplexo) Iracema irá ao encontro do chefe pitiguara e trará a seu hóspede as falas do guerreiro amigo.

(barulho de maracás / Araquém chamou a filha )

ARAQUÉM

— Se os guerreiros de Irapuã vierem contra a cabana, levanta a pedra e esconde o estrangeiro no fundo da terra.

IRACEMA

— O guerreiro branco não deve ficar só; (para Martim) espera que volte Iracema. (pendura uma sacolinha sobre o ombro e pega de flechas e arco) O tempo é nosso. Ainda não cantou a inhumana.

(Iracema partiu)

**CENA 24**

EXT. NOITE. FLORESTA

(Iracema avança nas trevas; para e escuta/ O grito da gaivota / ela segue o grito / à borda de um lago / olhar investiga a escuridão, e nada vê do que busca )

IRACEMA (chama com cuidado)

— Guerreiro Poti... guerreiro Poti... teu irmão branco te chama pela boca de Iracema. (eco ) A filha de teus inimigos vem a ti porque o estrangeiro te ama, e ela ama o estrangeiro.(um vulto se mostra do outro lado do lago / o vulto mergulha como uma cobra / o vulto nada / largas braçadas / nada para a margem, e surge fora / brilhando contra a lua)

POTI

—Martim te mandou?

IRACEMA

- Sim... minha boca fala pela boca de Martim...

POTI

- Sabe meu nome... sabe do pio da gaivota... sabe que Poti é pitiguar... seu irmão na guerra.

IRACEMA

— Fala, chefe pitiguara; o guerreiro branco espera.

POTI

— Torna a ele e diz que Poti está aqui e vai levar o irmão de volta...

IRACEMA

— Ele sabe... e mandou-me a ti para ouvir.

POTI

— As falas de Poti só falam direto para o irmão branco...

IRACEMA

— Espera então que Araquém parta e a cabana fique deserta; eu te guiarei à presença do estrangeiro.

POTI

— Nunca, filha dos tabajaras, um guerreiro pitiguara passou a soleira da cabana inimiga, se não foi como vencedor. Conduz até aqui o guerreiro branco que veio do mar.

IRACEMA

— A vingança de Irapuã é vingança de cobra... Irapuã e seus guerreiros farejam em roda, sem descanso, a cabana de Araquém. Trouxe o irmão do estrangeiro bastantes guerreiros pitiguaras para o defender e salvar? Não quero que nada de mal aconteça com Martim...

POTI

— Conta, virgem das serras, o que sucedeu em teus campos depois que chegou o guerreiro do mar.

IRACEMA

— A raiva de Irapuã é como o morcego: foge da luz e voa nas trevas. Irapuã mquer beber o sangue de Martim...

(A mão de Poti cerrou súbito os lábios da virgem)

POTI (sussurra)

— Suspende a voz e o respiro... o ouvido inimigo escuta na sombra.

(As folhas crepitavam de manso / Poti, resvala pela relva / desaparece quase sem barulho, no lago profundo / vemos as marolas / Iracema o procura com os olhos / volta à cabana / animais da floresta no percurso / barulhos / segredos / Araquém, vendo-a entrar na cabana, partiu / Iracema cingiu o colo de Martim)

— O chefe Poti não carece de ti; ele é filho das águas; as águas o protegem. Mais tarde o estrangeiro... meu Martim... ouvirá em seus ouvidos as falas amigas.

— Iracema, tenho que ir embora... Eu não tenho medo dos guerreiros de Irapuã... (olhos que se cruzam úmidos e sonolentos)... tenho medo dos olhos da virgem de Tupã.

IRACEMA

— Eles fugirão de ti. Se você fugir agora, guerreiro ingrato... vai levar a morte a teu irmão pitiguara, depois a morte te alcança na mata. (pausa) Iracema te seguirá até aos campos alegres aonde vão as sombras dos que morrem.

MARTIM

— Matar meu irmão, você diz? Virgem cruel. Por que eu mataria Poti?

IRACEMA

— Teu rastro guiará o inimigo aonde ele se oculta. Vi mil olhos na floresta. Mais cuidado é ficar... Meus braços são ninho...

(Martim pensa. permanece mudo e quedo. Iracema, fita a sombra do guerreiro / barulho externo / alterna tensão do casal na espera e porta da cabana / o casal fica atento / Caubi entrou intenso)

CAUBI

— O cauim perturbou o espírito dos guerreiros; eles vêm contra você estrangeiro. É melhor de levantar...

(Iracema se ergue)

IRACEMA (para Caubi)

— Levanta a pedra que fecha a garganta de Tupã, para que ela esconda o estrangeiro.

(Caubi obedece / alterna imagens com os índios marchando para a cabana de Araquém)

IRACEMA (ordena)

— Caubi, toma conta da entrada e mais nunca te levantes da terra ou sai da frente da porta, se um guerreiro passar por cima de teu corpo.

(Caubi obedeceu e saiu; Iracema cerrou a porta / tempo / estrupido dos guerreiros; travam-se as vozes iradas de Irapuã e Caubi.)

IRACEMA

— Eles vêm; mas Tupã salvará o branco. (Nesse instante, o antro, mudo em princípio, retroou surdamente) Ouve! É a voz de Tupã.

FUSÃO

(A inteira caravela gira sobre si / as canoelas se arrebitam para fora / explodem contra um alvo que não vemos / 10 segundos)

CORTE

- Esta é a voz de Tupã. Ele concorda com o que eu falo.

(Iracema toma da mão do guerreiro, e o leva à borda do antro. Somem-se ambos nas entranhas da terra.)

## **CENA 25**

EXT. NOITE.

(Indiada fora / em pé de guerra / bate boca geral / Caubi está na frente da cabana)

INDIOS

— O pajé está na floresta! O pajé saiu. A cabana está vazia.

IRAPUÃ

— E o estrangeiro?

INDIOS

— Na cabana com Iracema.

(Irapuã já é chegado à porta da cabana / guerreiros em polvorosa / Caubi preenche, com seu porte, o vão da porta; suas armas guardam diante dele )

CAUBI

— guerreiros grosseiros são aqueles que atacam em bando como os caititus. O jaguar, senhor da floresta, e o anajê, senhor das nuvens, combatem sozinhos o inimigo.

INDIOS

— Morda o pé a boca torpe que levanta a voz contra o mais valente guerreiro dos guerreiros tabajaras.

( ergue o braço de Irapuã o rígido tacape, mas estaca no ar: as entranhas da terra outra vez rugem / meio que tremor de terra para exagerar / como rugiram, quando Araquém acordou a voz tremenda de Tupã / índios fogem / Deixam Irapuã com cara de tacho / Irapuã se afasta / A voz de Tupã emudeceu .

## **CENA 26**

INT. GRUTA (continuidade do buraco) ( é na mesma continuidade das cenas noturnas acima / quando o Martim ouvia a gaivota lá atrás era o Poti dando sinal / estava por perto / estava na cascata na entrada da caverna/voz do Tupã)

(Iracema e Martim descem a gruta profunda / cuidado / passo passo / Súbito, uma voz que vinha reboando pela cratera, encheu seus ouvidos)

POTI

- Martim! (eco)

IRACEMA

— O guerreiro do mar escuta a fala de seu irmão?

MARTIM

— É Poti.

IRACEMA

— Ele fala pela boca de Tupã.

MARTIM (grita para o fundo)

- Aqui. Estamos aqui. (eco)

POTI

— Você está sozinho?

MARTIM

— Iracema, filha de Araquém, está comigo... ela que duas vezes em um mesmo sol defendeu a vida de teu irmão Martim!

(os amigos se abraçam em meio à gruta e águas)

POTI

— A mulher é fraca, o tabajara é traidor, e Poti é sempre prudente.

(Iracema se aninha em Martim / olha com cenho cerrado para Poti)

POTI

— Meu irmão Martim... (olha para ela ) Senhor de Iracema, cerra seus ouvidos, para que ela não ouça.

MARTIM

— Fale o chefe pitiguara; só o escutam ouvidos amigos e fiéis. Iracema e meu coração são a mesma coisa.

POTI

— Tu ordena, Poti fala. Antes que o Sol se levante na serra, o guerreiro do mar deve partir para as margens do ninho das garças do mar; a estrela morta o guiará às praias. Nenhum tabajara o seguirá, porque a inúbia dos pitiguaras rugirá da banda da serra, dando todos os sinais.

MARTIM

— Quantos guerreiros pitiguaras te acompanham?

POTI

— Agora, Nenhum; Poti veio só com suas armas. Quando os espíritos maus das florestas separaram o guerreiro do mar de seu irmão, Poti veio em seguimento do rastro. Encontrei Iracema na floresta... soube que Martim estava vivo...

MARTIM

— Então, o chefe pitiguara está só; não deve rugir a inúbia que chamará contra si todos os guerreiros tabajaras. É melhor ter mais cuidado...

POTI

— É preciso... para salvar o irmão branco; Poti zombará de Irapuã, como zombou quando combatiam cem contra ti. Iracema quer te salvar e quer salvar a teu irmão... ela mesma disse... O chefe pitiguara é valente e audaz; Irapuã é tuxaua manhoso e traiçoeiro como abelha lambuzada de mel... Antes que você chegue à floresta, cairá; e teu irmão da outra banda cairá contigo.

MARTIM (para Iracema)

— O que você fará para nos ajudar?

IRACEMA

— Mais um sol e outro sol, e a lua das flores vai nascer. É o tempo da festa, em que os guerreiros tabajaras passam a noite no bosque sagrado, e recebem do pajé os sonhos alegres. É minha obrigação preparar o licor de jurema...

MARTIM

- Ficarão presos aos sonhos...

IRACEMA

- Quando estiverem todos adormecidos (Iracema deposita a mão nos rosto de Martim) Martim deixará os campos tabajaras... Martim deixará os olhos de Iracema... mas não deixará sua alma.

(Martim estreitou Iracema / Martim se recorda (em off) da voz de Araquém: "Se a virgem de Tupã se entregar... ela morre!" / logo a repeliu o pensamento / Novos sonhos acodem: " A moça loura de Portuga/ de um lado a Morena dos trópicos do outro / cidade de urbanidade / floresta e praias / dicotomias da metrópole).

POTI

- Martim, Poti vai embora... Poti espera o irmão branco lá no lago... Iracema sabe onde...

(abraços / Poti parte)

### **CENA 27**

(Iracema e Martim se beijam / mais paixão / dentro da caverna / FUSÃO / com o pajé que fuma e balança seu chocalho que está na sua cabana / FUSÃO / O cristão sorri; a virgem palpita...)

MARTIM (reclina sobre a pedra / quer escapar dos pensamentos / se afasta / brusco)

— Cristo!... Cristo!... (Martim a olha deitada na relva / Iracema lânguida / molemente deitada / até sorri pois percebe que o Martim vai capotar a qualquer momento / Embalde chama ele o sono às pálpebras fatigadas / Martim esfrega os olhos / afasta dela o olhar / os olhos dela estão semicerrados / meio sorriso / Martim vai até a entrada da caverna olhar a noite / FUSÃO / Araquém cachimba e dança na tenda traçando desenhos no ar e no chão / FUSÃO / Martim vai na direção de Iracema / decidido / ela se vira para ele / afasta as pernas / Martim se ajoelha e segura os cabelos de Iracema.

MARTIM

— Iracema... (ela vai se chegando) esta é a última noite que teu hóspede dorme na cabana de Araquém, onde nunca viera, para teu bem e seu. Faze que seu sono seja alegre e feliz.

IRACEMA

— Manda; Iracema te obedece. Que pode ela fazer para tua alegria?

MARTIM

— A virgem de Tupã guarda os sonhos da jurema que são doces e saborosos!

(Um triste sorriso de Iracema)

IRACEMA

— O estrangeiro vai viver para sempre à cintura da virgem branca; nunca mais seus olhos verão a filha de Araquém; e ele quer que o sono já feche suas pálpebras, e o sonho o leve à terra de seus irmãos!

MARTIM

— O sono é o descanso do guerreiro; e o sonho a alegria da alma. Eu não quero levar comigo a tristeza da terra que me recebeu, nem deixá-la no coração de Iracema! Vai, e torna com o vinho de Tupã.

### **CENA 28**

EXT. TARDE (sol lateral)

Grupos indígenas / dois grupos na floresta / Irapuã à frente de um / Poti à frente de outro / marcham / um contra o outro em campos ainda longínquos)

(INT. DIA. SOL COADO na cabana de Araquém / pelas fibras trançadas da cabana)

(Um vaso pequeno no centro / sobre a pedra do Tupã / Martim ajoelhado frente o vaso / Iracema idem / segurando o vaso / Martim lho arrebatou das mãos, e bebeu as gotas amargas / meio que desmaia / estrebucha um pouco / ele mesmo rasga suas roupas / Iracema se afastara opressa e suspirosa / Abriam-se os braços de Martim)

MARTIM (em sonhos)

- Iracema!

(Iracema estaca / se vira para Martim / olha para a entrada da cabana / teme que alguém apareça / aninhou-se nos braços de Martim / acaba de arrancar a roupa do Martim / ele está claramente desvairado e chapadaço / com o olhar Iracema procura saber se ele está

acordado ou ainda no ar e acelera o processo de sexo // Beijos / abraços e apertos de mão / Fica claro que a virgem já o era / NOITE CAINDO POENTE / Cenas alternadas com o marchar dos índios / o acelerado do marchar dos índios é alternado com o ritmo da cópula / gozo final coincide com o choque das tribos em meio á clareira )

### **CENA 29**

NOITE / Iracema ali debruçada sobre o peito de Martim / Martim a nota / faz carinhos / sonolentos / Repentinamente barulho de índios voltando da mata / Iracema tentava beijá-lo – dando continuidade ao lance da noite mas a mente guerreira do Martim o acorda de uma vez e, nesse caso, beijos para depois - mas ele a repele /

### **MARTIM**

— Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu deles sua alma. Na vida real, os lábios da virgem de Tupã, amargam e doem como o espinho da jurema.

(Iracema está feliz / Afastou-se rápida, e partiu / correu pela mata / mergulha no rio) (Está feliz, e despreocupada, a garota cabeça-oca, apesar da indiada querer capar o Martim. Está feliz por que físgou o passarinho do Martim / a reação dela é de se limpar no rio pois pode pegar filho e tem que se livrar das sementes – só que falhou / no rio ela se refresca / e dá uma sensação legal de água e azulismos da água após a noite amarela de tocha e fogueira / após uma noite de calor. O que acha?)

### **CENA 30**

EXT. TARDE/NOITE GRANDE BATUQUE ( O choque dois índios lá atrás é apenas metáfora )  
(Os índio retornam da mata / Despem-se de armas e as depões num local determinado / Martim observa da cabana de Araquém / Folgam as mulheres e os meninos na vasta ocara / Araquém aparatado levanta enfeites e objetos xamânicos).

## ARAQUÉM

- A virgem preparou o licor da jurema. Os guerreiros da tribo tabajara devem sonhar com a vitória.

Irapuã passa batido sem olhar / Os guerreiros seguem Irapuã ao bosque sagrado, onde os espera / para lá vão o pajé e sua filha para o mistério da jurema / Todos mui enfeitados para a festança / muita beberança / Iracema já acendeu os fogos da alegria numa fogueira ritual / Araquém está imóvel e extático no seio de uma nuvem de fumo. / Cada guerreiro que chega depõe a seus pés uma oferenda a Tupã. suculenta caça; farinha d'água; piracém da traíra. Quando foram todos sentados em torno do grande fogo, o pajé de Tupã ordena o silêncio com um gesto:

## ARAQUÉM

— Tupã!... Tupã!... Tupã!... (ecos) A visão da vitória dá força ao tabajara.

(Iracema distribui licor / sonhos e delírios coletivos / grande batuque / caçador na mata /

- É com o sonho do liquor de jurema que o guerreiro tabajara se arma para vitória...

(índias passeiam pela oca / lutas e batalhas são projetados nos ecrans mentais da mente coletiva / velho se torna jovem que se cobre de flores / na verdade tremenda orgia / noite com várias luas que se alternam )

- Tupã! Mostra nossa vitória!!

(Iracema, depois que ofereceu aos guerreiros o licor de Tupã, saiu do bosque. Foi dali direito à cabana onde a esperava Martim / pelo caminho pegou das armas e da bagagem do Martim)

## IRACEMA

— Toma tuas armas, guerreiro branco. Foge. É agora...

## MARTIM

— Leva-me aonde está Poti, meu irmão.

**CENA 31**

LAGO

(Chegam ao lago / batuque ao longe)

IRACEMA

— Chama teu irmão!

(Martim soltou o grito da gaivota. A pedra que fechava a entrada da gruta caiu; e o vulto do guerreiro Poti apareceu / se aproximam / batem braço contra braço /

POTI

— Poti está contente porque vê seu irmão novamente, que o mau espírito da floresta arrebatou de seus olhos.

MARTIM

— Feliz é o guerreiro que tem ao lado um amigo como o bravo Poti; todos os guerreiros o invejarão. Os guerreiros tabajaras dormem. A filha de Araquém nos guiará pelas matas...

(Iracema seguiu adiante; Poti segura o braço de Martim)

POTI

— Manda a filha do pajé voltar à cabana de seu pai. Ela é mulher... demora a marcha dos guerreiros. (Martim entristeceu / balançou a cabeça / Avançou para Iracema... Ela estava braba esperando a fala, olhando feio pro Poti )

MARTIM

— Poti tem razão. Cada passo de Iracema no caminho da partida, é uma raiz que lança no meu coração.

IRACEMA

— Iracema quer te acompanhar até onde acabam os campos dos tabajaras, para voltar com o sossego em seu peito. Que ter certeza de que está salvo.

(sai e vai pá frente / os três andam / varam a noite entre musica / pios e noturnices /  
madrugada / amanhece / Poti olhou a mata e parou / Martim compreendeu )

MARTIM

— Teu visitante já não pisa os campos dos tabajaras. É o instante de separar-te dele.

(Iracema pousou a mão no peito de Martim)

IRACEMA

— A filha dos tabajaras já deixou os campos de seus pais... agora pode falar. (Ela olha Martim)

Iracema não pode mais separar-se do estrangeiro.

MARTIM

— Nós combinamos isso... Assim é preciso, filha de Araquém. Torna à cabana de teu velho  
pai, que te espera. Araquém deve star sofrendo...

IRACEMA

— Araquém já não tem mais filha.

MARTIM

- Não... Araquém recebeu a mim... branco e inimigo... é claro que receberá você de volta...

IRACEMA

- Iracema é morta para Araquém.

MARTIM

— Um guerreiro da minha raça jamais deixou a cabana do hóspede viúva de sua alegria.

Araquém abraçará sua filha, para não amaldiçoar o estrangeiro ingrato.

(Iracema pendeu a fronte; velando-se com as longas tranças negras)

IRACEMA

— Tua escrava te acompanhará, guerreiro branco; porque teu sangue dorme dentro de mim.

MARTIM( estremeceu)

— Os maus espíritos atacaram você, Iracema

IRACEMA

— O guerreiro branco sonhava, quando Tupã abandonou sua virgem, porque ela traiu o segredo da jurema.

MARTIM

— Deus!...

(Permaneceram ambos mudos e quedos / Poti ouvia o que rolava / discreto )

POTI

— Os guerreiros tabajaras despertam.

(o casal se olha / estátuas / Poti se afasta para uma árvore e se acocora por lá à espera)

IRACEMA

— Vem; enquanto não pisares as praias dos pitiguaras, tua vida corre perigo.

(partem / Poti cisma)

### **CENA 32**

EXT. NOITE FOGUEIRA

(Os três)

POTI (falando ao léu)

- O chefe pitiguara pensa que o amor é como o cauim; se bebido com moderação fortalece o guerreiro, e tomado em excesso abate a coragem do herói.

MARTIM

- Por que fala isso?

POTI

- Sei como é veloz o pé do tabajara; não tenho medo... e espero o momento de morrer defendendo o amigo Martim. Não sei se Martim tem cabeça para defender a si mesmo

(silencio / Iracema se afasta / Poti olha Martim / se levanta e se afunda na floresta / Martim ficou mudo e triste / Poti sobe um monte e avista as lonjuras)

— O povo tabajara caminha na floresta! vem como o tapir, rompendo a floresta.

(fogem / correria)

MARTIM

— Poti, foge e leva Iracema... Eu fico... não quero saber da tua opinião, nem da opinião dela... Foge... (Poti corre e / sem dar trela para Martim / puxa Martim / Martim arrepiou o passo. Poti o segue / Iracema sorri e vai atrás)

POTI

— O guerreiro está cego... A alma do guerreiro branco não escuta a verdade... Poti é seu irmão e ambos vivem ou morrem juntos. Lutaremos juntos.

(os três entram na floresta)

### **CENA 33**

EXT. DIA.

(Treme a selva com o estrupido da carreira do povo tabajara. Irapuã, primeiro, assoma entre as árvores / o grito rouco do tigre rompe de seu peito cavernoso / vão se precipitar sobre os fugitivos /

Do outro lado da floresta Poti / Martim / Iracema encontram grupo de pitiguares / O rouco búzio dos pitiguaras estruge pela floresta / Na clareira Os pitiguaras recebem o primeiro ímpeto do inimigo nas pontas eriçadas de suas flechas / chove flecha / morrem uns / vivem outros / coreografia de batalha / luta cara a cara / Quando os dois tacapes se encontram, a batalha toda estremece / Caubi veio direito a Martim / Iracema, unida ao flanco de seu guerreiro e esposo viu Caubi

IRACEMA

— Não mata meu irmão. Se o guerreiro Caubi tem de morrer, morra ele por esta mão, não pela tua. (Iracema se levanta com o arco retesado)

MARTIM (horrorizado)

— Iracema matará o próprio irmão?

IRACEMA

— Iracema antes quer que o sangue de Caubi tinja sua mão que a tua; porque os olhos de Iracema vêm a ti, e não a ela mesma.

(Travam a luta os guerreiros Caubi e Martim. Caubi combate com furor; Martim defende-se apenas; Iracema protege Martim com seu arco e flecha / Poti já prostrou o velho Andira e quantos guerreiros topou na luta seu válido tacape. Luta feroz. / Em certo momento a luta entre Martim e Caubi finaliza com a queda ou a situação de que Caubi está á mercê de Martim / Basta um golpe e Caubi morre / Martim levanta o braço para desferir o golpe de misericórdia mas... / sem explicação Martim abandona Caubi / que o olha se afastar / na bagunça / Martim corre sobre Irapuã / O combate renhiu-se entre Irapuã e Martim. A espada de Martim batendo na clava do selvagem, fez-se em pedaços. O chefe tabajara avançou contra o peito inerme do adversário / Iracema silvou / e se arremessou ante a fúria do tabajara / Iracema lança três infalíveis flechas / A arma rígida tremeu / o braço caiu / Irapuã sifu com a cara no chão / Soava a barulheira de flautas da vitória. Os tabajaras, fugindo / Os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres de seus irmãos; e longe o bando dos guerreiros tabajaras que fugia em nuvem negra de pó / O pranto desceu / Martim afastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema / Martim cambaleou pelo campo / exausto

MARTIM

- Poti! Poti

( Poti voltava / vários ferimentos / felizmente benignos / Seus olhos se encheram de alegria, vendo salvo o guerreiro branco.

POTI

— Os maus espíritos da floresta podem separar outra vez o guerreiro branco de seu irmão pitiguara. Mas tem de lutar... (POTI dá sinal de partida / guerreiros pitiguaras caminharam / acerca-se de Martim) ... Neste lugar nasceu teu irmão. Logo que as grandes águas da grande enchente ocorreram, Jatobá, meu pai, caminhou para a serra. Aqui chegando, mandou levantar a taba, para estar bem perto do inimigo e vencê-lo mais vezes seguidas. A mesma Lua que o viu chegar alumiou a rede onde Saí, sua esposa, lhe deu mais um guerreiro de seu sangue.

### **CENA 34**

INT. CABANA POTI . FOGUEIRA

(Martim e Iracema)

MARTIM (levanta o queixo de Iracema)

— A tristeza mora na alma de Iracema!

IRACEMA

— A alegria para a esposa só vem de ti; quando teus olhos a deixam, as lágrimas enchem os seus.

MARTIM

— Por que chora a filha dos tabajaras?

IRACEMA

— Esta é a taba dos pitiguaras, inimigos de meu povo. A vista de Iracema já conheceu os crânios de seus irmãos espetados na caçara; o ouvido já escutou o canto de morte dos cativos tabajaras; a mão já tocou as armas tintas do sangue de seus pais. (A esposa pousou as duas mãos nos ombros do guerreiro, e reclinou ao peito dele) Iracema tudo sofre por seu guerreiro e

senhor. A ata é doce e saborosa; quando a machucam, azeda. Tua esposa não quer que seu amor azede teu coração; mas que te encha das doçuras do mel.

MARTIM

— Acalme-se... tenha paz... você logo deixará a taba dos inimigos de seu povo.

CORTE

(Tomada da caravela em lateral com as bombardas descarregando fogo / 5 segundo)

CORTE

(Entra Poti / Martim se prepara para partir)

POTI

— Vai partir? Teu irmão te acompanha.

MARTIM

— Não... Os guerreiros de Poti precisam de seu chefe.

POTI

— Deserto e triste será o coração de teu irmão longe de ti.

(Martim / Iracema / Poti caminham / montanha / frutos / córregos / serrania / urubus / rio / verdes mares / ondas / praias/ espuma.

Martim olha a imensidão e suspira / ondas batendo forte / Arrojou-se nas ondas / Iracema se ajoelha na areia / Martim volta-se e sorri / ela sorri / Caminham mais de sol a sol / rio / água fresca de rio / pitiguaras / cumprimentos de chegada / Jangadas / partem em jangadas / procissão liderada pela de Poti / os jangadeiros que seguem cantam / canção do mar e no mar / descem em outras praias / partem para os matos /

MARTIM

— Poti conhece o grande morro das areias?

POTI

— Poti conhece toda a terra que tem os pitiguaras, desde as margens do grande rio, que forma um braço do mar, até à margem do rio onde habita o jaguar.

MARTIM

— Por que chama tu Mucuripe ao grande morro das areias?

POTI

— O pescador da praia, que vai na jangada, lá onde voa a ati, fica triste, longe da terra e de sua cabana, onde dormem os filhos de seu sangue. Quando ele volta e que seus olhos primeiro avistam o morro das areias, a alegria volta ao seio do homem. Então ele diz que o morro das areias dá alegria! Mucuripe!

MARTIM

— O pescador diz bem; porque teu irmão ficou contente como ele, vendo o monte das areias.  
(Martim subiu com Poti ao cimo do Mucuripe. Iracema, seguindo com os olhos / ela colhia os doces cajus/ comiam / caminham mais / grande travessia / chegam a outro rio / bacia / mangue /  
Sentam-se na praia / cismam olhando nada ou a imensidão / aragem / preguiça / dormem na areia)

POTI (olhando para o céu)

— O guerreiro branco pensa; o seio do irmão está aberto para receber seu pensamento.

MARTIM

— Eu penso que este lugar é melhor do que as margens do Jaguaribe para a taba dos guerreiros de sua raça. Nestas águas as grandes igaras que vêm de longes terras se esconderiam do vento e do mar; daqui elas iriam ao Mearim destruir os brancos tapuias, aliados dos tabajaras, inimigos de tua nação.

(O chefe pitiguara meditou )

POTI

— Vai buscar teus guerreiros. Poti plantará sua taba junto do acampamento dos guerreiros de Martim.

(Aproximava-se Iracema. Martim mandou com um gesto o silêncio a Poti)

IRACEMA

— A voz do esposo se cala, e seus olhos se baixam, quando chega Iracema. Quer que Iracema se afaste?

MARTIM

— Quero que chegue mais perto, para que sua voz e seus olhos penetrem mais dentro de tua alma.

(Iracema sorri / debruça-se na espádua de Martim)

IRACEMA

— Iracema te escuta.

MARTIM

— Estes campos são alegres, e mais serão quando Iracema neles habitar. Que diz o teu coração?

IRACEMA

— O coração da esposa está sempre alegre junto de Martim.

( Começam a levantar cabana /. Poti cortou esteios / Iracema ligava os leques da palmeira / Martim cavou a terra com a espada / fabricou a porta das fasquias da taquara / desce a noite / casal arma a rede na cabana / Poti do outro lado)

POTI

— O chefe Poti vai à serra ver seu grande avô; mas antes que o dia morra, ele estará de volta na cabana de seu irmão. Tens tu outra vontade?

MARTIM

— Eu te acompanho. Vamos nós juntos. Quero abraçar o grande chefe dos pitiguaras, avô de seu irmão Poti, e dizer ao velho que ele...

POTI

- ... o nome dele Batuirité...

MARTIM

\_ ... (aprendendo) Batuirité... Batuirité renasce em Poti.

POTI

- Quando Guaraci apontar no céu. Vamos.

INSERÇÃO

(narração intercala cenas)

(Tacape / mãos que o agarram / é Batuirité jovem / Batuirité correndo nas praias / pequena luta contra índios que fogem / Batuirité marca com o tacape os novos limites / funde imagem grandiosa de Batuirité jovem com o velho Batuirité alí sentado.

POTI

- "Quando suas estrelas eram muitas, e tantas que seu camucim já não cabia as castanhas que marcavam o número, o corpo vergou para a terra, o braço endureceu como o galho do ubiratã que não verga, seus olhos se escureceram. O guerreiro Jatobá – meu pai – tomou do tacape. Batuireté tomou o bordão de sua velhice e caminhou.

### **CENA 35**

EXT. DIA

BATUIRITÉ (sentado)

— Ah! meus tempos passados! Quixeramobim...

(surgem subindo pela encosta Martim e Poti e Iracema / Poti se apresenta com respeito)

POTI

- Batuireté... meu avô... venho até seu ninho de gavião... vim atrapalhar tua conversa com Tupã. Subi até aqui para refazer os caminhos dos chefes pitiguaras... Todos os chefes pitiguaras, quando acordam à voz da guerra, vêm pedir a Batuirité que ensine a vencer, porque nenhum outro guerreiro jamais soube combater como Batuirité. Grande sabedor da guerra... Maranguape. (pausa) trouxe meu irmão branco...

(O velho soabriu as pesadas pálpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os lábios murmuraram / Batuireté estava sentado sobre lapas/ cascata; cabeça nua de cabelos / rugas)

BATUIRITÉ (arquejando)

— Tupã quis que estes olhos vissem antes de se apagarem... (olha para Martim / levanta a mão apontando)... o terrível gavião branco. (olhos de um / olhos de outro)... É esse gavião branco que vem destruir todo povo da floresta...

(O velho derrubou lentamente a fronte aos peitos, e não falou mais, nem mais se moveu / Poti e Martim julgaram que ele dormia / se afastaram com respeito)

### **CENA 36**

(Iracema, se banhava na cachoeira / veio-lhes ao encontro, trazendo alimento / o velho não sai do lugar / conversam em volta do fogo / o velho não se move / formigas subiam pelo seu corpo / e os tuins voam e pousam sobre ele / Poti pôs a mão no crânio do velho e conheceu que era finado / Poti entoou o canto da morte; e depois foi à cabana buscar o vaso, que transbordava com as castanhas do caju / esvazia / Iracema trouxe andiroba / canta também / ungido o corpo do velho enfiado no camucim / O vaso fúnebre ficou suspenso ao teto da cabana / Planta urtiga na beira em volta da cabana enquanto cantam /

### **CENA 37**

## PASSAGEM DE TEMPO

(Quatro luas / habitam praias / cabanas / roteiros do dia a dia / Iracema feliz / colibri / cenas de amor do casal / dessa vez, fim do filme a coisa esquenta / caça Poti e Martim / Iracema vai ao lago / passo / banho da manhã / de longe guerreiros observam Iracema nas águas / Os três bebem a água dos cocos / um dia / na volta do caçadores Iracema está enfeitada de modo diferente / trazia uma cintura das flores da maniva, / símbolo da fecundidade. Colar das mesmas/ Travou da mão do esposo, e a impôs no regaço)

## IRACEMA

— Teu sangue já vive no seio de Iracema. Iracema será mãe de teu filho!

## MARTIM

— Filho!

(Ajoelhou ali e, cingindo-a com os braços, beijou o ventre fecundo da esposa / depois tomou da cruz que tinha ao pescoço e beijou-a )

## POTI

- A felicidade de Martim é a esposa e o amigo; a primeira dá alegria; o segundo dá força: o guerreiro sem a esposa é como a árvore sem folhas nem flores; nunca ela verá o fruto.

(esses discursos melosos têm que dar um clima de calma e aceitação de Iracema por Poti)

O guerreiro sem amigo é como a árvore solitária no meio do campo que o vento embalança: o fruto dela nunca amadurece. A felicidade do guerreiro são os filhos, que nasce dele e faz seu orgulho; cada guerreiro que sai de suas veias é mais um galho que leva seu nome às nuvens, como faz o cedro. Amado de Tupã é o guerreiro que tem uma esposa, um amigo e muitos filhos; o amado de Tupã nada mais deseja senão a morte gloriosa.

(Martim se levanta e abraça Poti)

## MARTIM

— Meu coração falou por tua boca. Sou feliz, chefe dos pitiguaras; e a felicidade nasceu para mim na terra das palmeiras onde canta a jandaia, onde vejo esses mares bravios... e foi gerada do sangue de tua raça, que tem no rosto a cor do sol. Eu não quero mais nenhuma outra pátria, senão a pátria de seu filho (olha para Iracema) e de seu amor.

### **CENA 38**

EXT. DIA. CERIMONIA / TABA PITIGUAR

(Martim ao centro / sentado em tamborete / Mulheres e Iracema traçam negras riscas sobre o corpo, à semelhança do pêlo do coati / Iracema preparou as tintas / Poti traçou pelo corpo os riscos vermelhos e pretos / Depois pintou na frente uma flecha

POTI

— Assim como a seta traspassa o duro tronco, assim o olhar do guerreiro penetra n'alma dos povos. ( Poti desenhou No braço de Martim um gavião) Assim como o anajê cai das nuvens, assim cai o braço do guerreiro sobre o inimigo. (No pé esquerdo a raiz do coqueiro.) Assim como a pequena raiz agarra na terra o alto coqueiro, o pé firme do guerreiro sustenta seu corpo.

(Todos cantam / No pé direito pintou uma asa) Assim como a asa do majoi rompe os ares, o pé veloz do guerreiro não tem igual na corrida.

(Iracema tomou a rama da pena e pintou uma folha com uma abelha sobre o coração)

IRACEMA

— Assim como a abelha fabrica mel no coração negro do jacarandá, a doçura está no peito do mais valente guerreiro.

(Martim abriu os braços e os lábios para receber corpo e alma da esposa)

MARTIM

— Meu irmão Poti é um grande guerreiro da nação pitiguara. Eu, como irmão, quero ter um nome novo na tua língua.

POTI

— Teu nome está desenhado no teu corpo.

IRACEMA

— Coatiabo!

INDIOS (gritam)

- Coatibo!

MARTIM

— eu sou o guerreiro pintado; o guerreiro da esposa e do amigo.

(Poti deu a seu irmão o arco e o tacape / Iracema o cocar e a araçóia, ornatos dos chefes / Mulheres trouxeram iguarias / vinhos de jenipapo e mandioca. Os guerreiros beberam / dançaram alegres / cantaram canções

CANTORIA E BATUQUE

POTI (braço contra braço)

— Como a cobra que tem duas cabeças em um só corpo, assim é a amizade de Coatiabo e Poti.

IRACEMA

— Como a ostra que não deixa o rochedo, assim é Iracema junto a seu homem.

PAJÉ (fazendo benzeduras)

— Como o jatobá na floresta, assim é o guerreiro Coatiabo entre o irmão e a esposa: seus ramos abraçam os ramos do ubiratã, e sua sombra protege todo o mato rasteiro.

FINDA a CENA COM GRANDE BATUQUE

**CENA 39**

EXT. PRAIA. TEDIO DO SOL.

(Água mansa do mar / pouco vento / céu inteiro azul / Iracema nas águas / Martim ressona sob a sombra / ao fundo do horizonte de águas surge um navio com muitas velas sem que o casal perceba / a plateia percebe / dura um tempo / Martim então percebe / Levanta-se e olha / Iracema percebe a atenção de Martim e olha também / aproxima-se dele)

IRACEMA

-E uma grande igara de muitas velas, como o seu povo sabe construir.

(Martim corre pelas águas como que desejando alcançar a caravela / caravela desaparece na enseada / Iracema percebe que a coisa tá preta)

IRACEMA

- Martim! Martim (ele não dá atenção / retorna sombrio / vai à cabana / Iracema vai atrás / quer fazer sexo / faz de um tudo / Martim nada. Olha ao nada / Vira-se)

(Poti voltou / Martim saiu-lhe ao encontro)

MARTIM

— A igara grande do branco tapuia passou no mar. Eu a vi... foram para as margens do Mearim, onde estão os aliados dos tupinambás, teus inimigos...

POTI

— Poti é senhor de mil arcos; se é teu desejo, ele te acompanhará com guerreiros às margens do Mearim para vencer o tapuitinga e seu amigo, o traidor tupinambá.

MARTIM

— Quando for tempo eu te direi.

( Martim e Poti entram na cabana, onde estava Iracema que fazia uma rede)

POTI (observa Iracema)

— Quando a sabiá canta é o tempo do amor; quando emudece, fabrica o ninho para sua prole; é o tempo do trabalho.

IRACEMA

— Meu irmão fala como a rã quando anuncia a chuva; mas a sabiá que faz seu ninho, não sabe se dormirá nele.

(A voz de Iracema gemia. Seu olhar buscou Martim / Martim pensava)

POTI

— O tapuitinga, que estava no Mearim, veio pelas matas até o princípio da Ibiapaba, onde fez aliança com Irapuã, para combater a nação pitiguara. Eles vão descer da serra às margens do rio em que bebem as garças, e onde está a taba de teus guerreiros. Os guerreiros me chamam para defender os campos de nossos pais: meu povo carece do chefe.

(Poti vestiu suas armas )

— O branco tapuia está na Ibiapaba para ajudar os tabajaras a combater contra nós. Poti vai defender a terra de seus filhos, e a taba onde dorme os camucins de seus pais. Poti saberá vencer depressa para voltar à tua presença.

MARTIM

— Eu parto contigo. (Iracema abre os olhos para ouvir melhor / Martim e Poti saem para a frente da cabana) Nada separa dois guerreiros amigos quando troa a inúbia da guerra.

POTI

— Martim Coatiabo é grande, como o mar, e bom como o céu. Mas, Meu irmão, teu pé criou raiz na terra do amor; fica: Poti voltará breve.

MARTIM

— Eu te acompanho; minha palavra é como a seta de teu arco; quando faz barulho é porque já chegou

POTI

— Quer que Iracema te acompanhe?

MARTIM

— Nós vamos combater os irmãos. A taba dos pitiguaras não terá para ela mais que tristeza e dor. A filha dos tabajaras deve ficar.

POTI

— Que espera então?

MARTIM

— Eu me aflijo porque Iracema pode ficar triste e abandonar a cabana, sem esperar por minha volta. Antes de partir eu queria sossegar o espírito dela.

POTI

— As lágrimas da mulher amolecem o coração do guerreiro, como o orvalho da manhã amolece a terra.

MARTIM

— Meu irmão Poti é sábio. O esposo deve partir sem ver Iracema.

(Poti toma de uma flecha do albirnoz de Martim / a lança a uma árvore com a seta de Martim / como um símbolo)

POTI

— Pode partir agora. Iracema seguirá teu rastro; chegando aqui, verá a seta, e obedecerá à tua vontade. (Martim sorriu; Poti quebrou um ramo do maracujá, o entrelaçou na haste da seta)

A flor da lembrança.

MARTIM

- A flor da lembrança.

(partiram / de longe Iracema observa tudo e chora / retraiu os passos lentamente, sem volver o corpo, nem tirar os olhos da seta de seu esposo )

## **CENA 40**

PASSAGEM

Luas que se alternam / o texto que Iracema fala deve ter ondas batendo como fundo)

IRACEMA

— Teu lábio secou para a esposa...

(cascatas / pássaros que fogem)

IRACEMA

Agora só buscas as praias ardentes, porque o mar que lá murmura vem dos campos em que nasceu; e o morro das areias, porque do alto se avista a igara que passa.

FUSÃO

a cabana de Araquém /

IRACEMA

— Quando teu filho deixar o seio de Iracema, ela morrerá, como o abati depois que deu seu fruto. Então o guerreiro branco não terá mais quem o prenda na terra estrangeira.

FUSÃO

( quedas d'água / animais pesados que correm / a voz de Tupã saindo do buraco)

## **CENA 41**

EXT. DIA CENAS DE LUTAS ENTRE TABAS

(Pitiguaras versus Tupinambás)

CENAS QUE SE ALTERNAM COM

Iracema por vezes sentada ao lado da flecha de Martim / sombra da flecha na areia conta o tempo

IRACEMA

— Há quanto tempo Martim retirou de Iracema o espírito e a lembrança?

(Uma vez... pássaros jandaia gritam / gravidez se amplia)

— Iracema!... Iracema!...

(desce uma jandaia que permanece com Iracema / são amigas)

## **CENA 42**

EXT DIA

(Poti Segue na areia o rastro de Martim, e sobe ao alto da rocha. Martim olha o mar / caravela no horizonte)

POTI

— É a grande igara dos irmãos de meu irmão que vem buscá-lo!

MARTIM

— Não... São os guerreiros brancos inimigos de minha raça, que buscam as praias dos pitiguara, para a guerra da vingança: eles foram derrotados com os tabajaras nas margens do Camucim; agora vêm com seus amigos os tupinambás pelo caminho do mar.

(Martim desce do posto de observação e se aproxima de Poti e os guerreiros)

— Chama os caçadores de Soipé e os pescadores do Trairi. Nós iremos ao seu encontro.

(Poti toca a trombeta / reunião de índios / Os guerreiros pitiguaras, para não espantar o inimigo, se ocultam entre os cajueiros / seguindo pela praia a grande igara / Martim a acompanha com o olhar / : durante o dia avultam as brancas velas; de noite os fogos atravessam a negrura do mar/ Poti sinaliza aos guerreiros / Martim sinaliza a Poti / os barquinhos e pirogas vão da caravela para a praia com franceses e índios / franceses com arcabuz / guerreiros com tacape)

FUSÃO

EXT. NOITE

( pitiguaras fincam na praia a forte caiçara de espinho, e levantam contra ela um muro de areia / Aí esperam o inimigo. Martim manda que outros guerreiros subam à copa dos mais altos coqueiros; ali defendidos pelas largas palmas, esperam o momento do combate / A seta de

Poti foi a primeira que partiu, e o chefe dos guaraciabas o primeiro herói que mordeu o pó da terra estrangeira / gritam índios / ninguém entende coisa alguma / briga noturna / Arcabuzes explodem / tiros na areia / As setas dos pitiguaras já caem do céu / voam da terra, e se embebem todas no seio do inimigo / Cada guerreiro tomba crivado de muitas flechas / Os inimigos embarcam outra vez nas pirogas,

Flechas voam com fogo na ponta / Pirogas afundam / Grita de vitória por parte dos índios)

A cena da guerra deve intercalar as funções de parto de Iracema

(Rompe a bolsa de Iracema / busca a margem do rio / Estreitou-se com a haste da palmeira.

A dor lacerou / o choro infantil / tomou o tenro filho nos braços e com ele arrojou-se às águas límpidas do rio)

IRACEMA (grita)

— Tu és Moacy, o filho nascido de meu sofrimento.

(A jovem mãe passou aos ombros a faixa / o filho unido ao flanco)

- E agora nós vamos atrás de teu pai... (e seguiu pela areia o rastro de Martim / chegando à praia vê sinais de guerra / arma uma tenda / arruma a criança / deita-se e dorme de cansada e fome)

### **CENA 43**

INT. DIA; SOL . GUERREIRO ECLIPSA SOL

(Iracema se assusta / busca armas / saltou avante para proteger o filho)

CAUBI

- Iracema!

IRACEMA

- Que é você? Te afasta de Iracema...

CAUBI

- É teu irmão. (Iracema cai de joelhos) Não foi a vingança que arrancou o guerreiro Caubi aos campos dos tabajaras; ele já perdoou. Foi a vontade de ver Iracema, que trouxe consigo toda sua alegria. (ela o abraça mas a idéia é dar um certo falso ar de distância por parte do Caubi / nisso a criança chora / Caubi olha curioso para a cabana / levanta-se aprte resoluto para lá / Caubi afasta a cortina) Teu filho! (Iracema hesita mas aparece na cabana / a criança / Caubi desmonta entre risos) Ele chupou tua alma. (E beijou nos olhos da jovem mãe, a imagem da criança)

IRACEMA

— Ainda vive Araquém sobre a terra?

CAUBI

— Vive... Sofre... ainda; depois que o deixou sua cabeça vergou para o peito e não se ergueu mais.

IRACEMA

— Diz a ele que Iracema é morta já, para que se console.

CAUBI

— Fala onde está Martim... que é meu irmão..., para que o guerreiro Caubi lhe dê o abraço da amizade. (Iracema baixa a cabeça) Eu pensava que a tristeza ficara nos campos que você deixou... se veio atrás do guerreiro branco é por que estava feliz... porque com você veio todo o riso nosso...

IRACEMA

— O homem de Iracema partiu com o guerreiro Poti para as praias do Acaraú. Antes que três sóis tenham alumiado a terra ele voltará, e com ele a minha alegria retorna para a alma.

CAUBI

— O guerreiro Caubi vai esperar para saber o que Martim fez do sorriso que morava na tua boca.

(Caubi a abraça / anda pela acaba / pensa / Iracema embala Moacy / canta docemente)

IRACEMA

— Caubi vai tornar às montanhas dos tabajaras!

CAUBI

— Você despede teu irmão da cabana para que não veja a tristeza que a enche.

IRACEMA

— Araquém teve muitos filhos em sua mocidade; uns a guerra levou e morreram como valentes; outros escolheram uma cunhã, e geraram por sua vez numerosa prole: filhos de sua velhice, Araquém só teve dois. Iracema é para ele como a rola que o caçador tirou do ninho. Só resta o guerreiro Caubi ao velho pajé, para sustar seu corpo vergado, e guiar seu passo trêmulo. (olha para Caubi com decisão) Para os Tabajaras só resta o guerreiro Caubi.

CAUBI

— Caubi partirá quando a sombra deixar o rosto de Iracema.

IRACEMA

— Como vive a estrela da noite, vive Iracema em sua tristeza. Só os olhos do esposo podem apagar a sombra em meu rosto. Parte, Caubi... para que eles não se turvem com tua vista.

CAUBI

— Eu parto para agradar tua vontade; mas voltarei todas as vezes que o cajueiro florescer para junto de você e de do teu filho.

(Caubi cumprimentou a crianças / abraçou a irmão / passou a porta, e sumiu-se entre as árvores. Iracema o acompanha com o olhar /

PSSAGEM DE TEMPO

Folhas de muitos ventos / o lago se encrespa / as ondas começam a rugir / a tempestade bate no horizonte / a criança começa a chorar / A jovem mãe suspendeu o filho à teta / choro continua / O leite escasso não apoiava o peito / Iracema aperta o peito e nada sai / a criança

sente fome / Iracema se desespera / a criança não para de gritar na mata / encontra o leite da irara ausente; os cachorrinhos grunhem enrolando-se uns sobre os outros. Iracema aproxima-se de manso. Prepara o filho que chora um berço / vai á arvore e arranca uma colméia / banha os seios com mel / e senta-se perto / Põe no regaço um por um os filhos da irara / e lhes abandona os seios / os bichinhos mordem e chupam carnívoros / Os cachorrinhos famintos precipitam gulosos e sugam os peitos avaros de leite / Iracema curte dor / o leite aparece / dá ao filho / repete a operação várias vezes / então sai leite e sai sangue / mata a fome ao filho / depois da dolorida experiência o menino dorme / Ela sofre / cambaleia para fora da área / Descamba o Sol / Iracema toma do filho e caminha / trôpega / os membros débeis se recusaram à sua vontade / Caiu desfalecida contra o esteio.

#### **CENA 44**

EXT. DIA

(As botas e Martim e os pés de Poti surgem na tela tendo ao fundo a cabana de Iracema / close dos dois / olham-se / um sorri para o outro / andam mais rápidos para acabana /

POTI

— O dia está bonito e isso é sinal de alegria.

MARTIM

— Porque chegou... mas a voz da jandaia é de tristeza. (Martim moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram, sentada à porta da cabana, Iracema com o filho no regaço. Ele se aproxima) Iracema!...

(Ao se achegar a mulher tomba sobre seu peito / semi-desfalecida)

IRACEMA

— Recebe o teu filho de sangue. meus seios ingratos já não tinham alimento para dar! Recebe o teu filho que nasce da minha dor! (Iracema cessa com o último suspiro / olhos vidrados / Poti cai por terra apoiado no tacape)

POTI (desesperado)

MoacY!

(CÂMERA se afasta do grupo ajoelhado e chorante / musica explode)

POTI (OFF / enquanto a CÂMERA se afasta)

— Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é tua voz que fala entre seus cabelos.

#### **CENA 45**

Potiguaras que sempre estão escondido na florestas e matas se levantam / passam perto da cabana abandonada / ouvem ressoar a voz da jandaia / baixam a cabeça / tristes / afastam-se um tanto / pisam nas águas que descem do local e do coqueiro / a jandaia começa a cantar forte e vai crescendo com a música / um dos índios levanta o arco

INDIO

Ceará!

INDIOS

Ceará! Ceará!

*(a jandaia ou jandaias voa(m))*

#### **CENA FINAL**

EXT. DIA SOL. MAR E PRAIA E PALMEIRAS E VENTOS / GRANDE MÚSICA SINFÔNICA

Varredura destas imagens grandiosas, principalmente dos mares bravios e de um verde muito intenso, com muita espuma e ondas / brilho de sol nos mares / alvas praias / coqueiros

MIXA COM

verdes mares já serenados / coisas do por do sol / calmaria / de longe um o barco ou jangada  
com vela / é possível ver três pessoas sobre a jangada / a jangada vai mar em fora /

Um jovem guerreiro branco / uma criança e um rafeiro

(SOM DE VENTO QUE SE MISTURA COM O BARULHO DAS ÁGUAS)

JOVEM

(grita para as praias)

— Iracema!...

( leva os olhos presos na terra / lágrimas / desanimado cai sobre a jangada / triste sorriso /

Que mais eu deixei na terra do exílio?

O vento retorna / as palmas chacoalham / Refresca o vento / ondas encrespam / O barco salta  
sobre as ondas; desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares / borrasca /  
tempestade / luta para se manterem sobre a jangada para / a jangada se vai / o abismo se  
acomoda e surge uma imensa caravela no horizonte para onde se dirige jangadas

**QUATRO ANOS DEPOIS** (enquanto rola a narração)

EXT. PRAIA . CARAVELA AO FUNDO

(Martim volta com o filho e um padre / descem dos botes / Encontro com Poti / abraços amplos  
/ mercadores e indígenas na praia )

CORTE

(Junto a uma cruz gigante / Conversão de Poti: batizado católico / faz-se os ritos / podemos  
sugerir que Martim é o padrinho)

NARRAÇÃO

- Martim retornou ao Brasil / Veio também um sacerdote de sua religião, para plantar a cruz na terra selvagem / Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco, o guerreiro Coatiabo; por isso quis que tivessem ambos um só deus, como tinham um só coração de amigos. Poti foi batizado de Antonio Felipe Camarão. O nome do santo do dia. O nome do Rei que ali serviria e seu nome na língua dos portugueses.

As jandaias cantavam ainda no olho do coqueiro; mas não repetiam já o mavioso nome de Iracema.

Tudo passa sobre a terra.

---

Títulos finais

Aparece a palavra IRACEMA cujas letras se movem e formam a palavra anagramática AMERICA